

MAURA REGINA FRANCO

CONTRIBUIÇÕES DA INCUBADORA TECNOLÓGICA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ PARA O
DESENVOLVIMENTO DE COOPERATIVAS:
Um Estudo de Casos

Dissertação apresentada como requisito parcial
à obtenção de grau de Mestre.

Curso de Mestrado em Administração,
Setor de Ciências Sociais Aplicadas,
Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Belmiro V. Castor, Ph D

Curitiba, agosto de 2001

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

CENTRO DE PESQUISA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTRATÉGIAS E ORGANIZAÇÕES

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

CONTRIBUIÇÕES DA INCUBADORA TECNOLÓGICA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ PARA O
DESENVOLVIMENTO DE COOPERATIVAS:
Um Estudo de Casos

AUTORA: MAURA REGINA FRANCO

Curitiba, Agosto de 2001

“Porque eu, o Senhor teu Deus, te
tomo pela mão direita e te digo:
Não temas, que eu te ajudo”.

Isaías 41:13

A Deus,

Por segurar minhas mãos, me
amparar e ajudar em todos os dias de
minha vida.

Amém.

RECONHECIMENTO

“Do homem eminente, podemos aprender mesmo quando se mantém em
silêncio”

Sêneca

A meus professores e professoras, que ao longo dos anos me ensinaram compartilhando seus conhecimentos científicos, dando exemplos de profissionalismo e de vida, mesmo estando calados em alguns momentos. Deixo meu reconhecimento a essas pessoas maravilhosas:

Aldemir Junglos
Belmiro Valverde Jobim Castor
Carlos Artur Krüger Passos
Clara
Dalziza Buczinski da Costa
Ghislaine Miranda Bonduelle
João Augusto de Souza Leão de Almeida Bastos
José Henrique de Faria
Marcos Rogério Zorning
Marília Gomes de Carvalho
Nasmim Zenedim Cerávolo
Paulo (Paulão)
Paulo Roberto de Araújo Cruz
Pedro Steiner Neto
Raul (*in memoriam*)
Sérgio Bulgacov

AGRADECIMENTOS

À UFPR, em especial ao pessoal da ITCP, por terem sido tão prestativos, solidários e profissionais auxiliando-me no desenvolvimento deste trabalho.

Ao meu orientador, professor Belmiro Valverde Jobim Castor, pela paciência e dedicação ao orientar-me nesta jornada.

Ao professor Sérgio Bulgacov, pelo exemplo de profissionalismo e sensibilidade humana.

Aos meus colegas de mestrado, pelos momentos que passamos juntos.

Aos meus amigos de mestrado Adriana Takahashi, Jomar Foggiatto e Sandra Simm Rohrich; pessoas especiais com quem compartilhei tantos sentimentos. Sem dúvida, vocês sempre estarão presentes em minhas mais doces recordações.

À Professora Linda Abou Rejeili de Marchi pelo auxílio com relação à Língua Portuguesa.

Aos meus colegas Adilson Albuquerque e Leila Burkinski, pelas conversas nem sempre fáceis, mas que me transformaram em uma pessoa melhor nesses últimos anos.

A João Todeschini Neto, por todo o apoio e incentivo desde a época da graduação.

À Sandra Merelis, mais que uma amiga e irmã, por ter acreditado em meu potencial e por ter me mostrado o valor de uma vida acadêmica.

Aos meus familiares, pela compreensão da ausência durante o período de execução do mestrado.

Aos meus pais, Ada e Belizário, por torcerem pelo meu sucesso.

E a você Paulo Eduardo, amor de minha vida. Obrigada por ter sido o ombro em que me apoiei, o amigo com quem chorei e ri e que neste momento compartilho toda minha alegria.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	viii
LISTA DE TABELAS	ix
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	x
RESUMO	xi
ABSTRACT	xii
1 – INTRODUÇÃO	15
1.1 - Formulação do problema de pesquisa	17
1.2 – Objetivos da pesquisa	18
1.2.1 – Objetivo geral	18
1.2.2 - Objetivos específicos	18
1.3 - Justificativas: teórica e prática	19
2 – BASE TEÓRICA E EMPÍRICA.	22
2.1 - Histórico do cooperativismo	22
2.2 – Cooperativismo no Brasil...	24
2.3 – Cooperativismo e autogestão: trabalho e desafio	27
2.4 – A ACI – Aliança Cooperativista Internacional	30
2.5 – As incubadoras tecnológicas	31

2.5.1 – As incubadoras tecnológicas de cooperativas populares	34
2.6 – Rede de incubadoras	37
2.6.1 – Objetivos da rede de incubadoras	39
2.7 – Vinculação das incubadoras às universidades	41
2.8 – O processo de incubagem	44
2.8.1 – O processo de incubagem executado pela UFPR	47
2.9 – A UFPR e sua ITCP	49
2.9.1 – A comunidade CIC – Coopercamp	52
2.9.2 – A comunidade de pescadores de Antonina – Serramar	54
3 – METODOLOGIA	56
3.1 – A base científica da pesquisa	56
3.2 - Especificação do problema	68
3.2.1 - Perguntas de Pesquisa	68
3.3- Definição das variáveis	68
3.3.1 - Variáveis independentes	70
3.3.2 - Variáveis dependentes	74
3.4 - Delimitação e <i>desing</i> da pesquisa	76
3.4.1- População e amostra	77
3.4.2 - Delineamento da pesquisa	77
3.4.3 - Coleta e tratamento de dados	83

4 – OS RESULTADOS DA PESQUISA	85
4.1 – Os resultados da Coopercamp – Curitiba	86
4.1.1 – Os itens e situações existentes pré processo de incubagem Coopercamp	87
4.1.2 – Os itens e situações apresentados pós processo de incubagem Coopercamp	89
4.2 – Os resultados da cooperativa Serramar – Antonina	92
4.2.1 – Os itens e situações existentes pré processo de incubagem cooperativa Serramar	93
4.2.2 – Os itens e situações apresentados pós processo de incubagem cooperativa Serramar	95
4.3 – Comparativo de resultados entre cooperativas Serramar e Coopercamp	100
4.3.1 – Comparativo de resultados entre cooperativas Serramar e Coopercamp pré processo de incubagem	101
4.3.2 – Comparativo de resultados entre cooperativas Serramar e Coopercamp pós processo de incubagem	102
4.4 – Considerações finais	104
4.5 – Sugestões para pesquisas futuras	107
5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109

LISTA DE FIGURA

1 – Esquema representativo da relação entre variáveis	71
---	----

LISTA DE TABELAS

1 – Itens apontados pré processo de incubagem - Coopercamp	87
2 – Itens apontados pós processo de incubagem - Coopercamp	89
3 - Itens apontados pré processo de incubagem – Serramar	93
4 - Itens apontados pós processo de incubagem – Serramar	95
5 – Comparativo de itens pré processo de incubagem: Coopercamp X Serramar	101
6 – Comparativo de itens pós processo de incubagem: Coopercamp X Serramar	102

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COOPERCAMP - Cooperativa Mista do Trabalhadores da Capital Paranaense

ITCP - Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares

TECPAR - Instituto de Tecnologia do Paraná

UFPR - Universidade Federal do Paraná

RESUMO

Este trabalho aborda um estudo realizado junto à ITCP - Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares - da UFPR - Universidade Federal do Paraná e em duas cooperativas que sofreram processo de incubagem. As duas cooperativas em estudo são: Cooperativa Serramar, na cidade de Antonina e a Coopercamp – Cooperativa Mista dos Trabalhadores da Capital Paranaense, na cidade de Curitiba; executam respectivamente: atividades de pesca e processamento de mariscos, peixes e demais frutos do mar e limpeza hospitalar. Foi um estudo longitudinal realizado entre os anos de 1999 e 2001. Na pesquisa foram observados e constatados através de entrevistas semi estruturadas, aplicação de questionários e observações não participantes quais procedimentos efetuados pela ITCP/UFPR influenciaram no desenvolvimento das relações sociais e no processo de organização do trabalho nas duas cooperativas em estudo. Constatou-se que a influência da ITCP/UFPR junto às cooperativas em estudo foi bastante significativa. Para a Coopercamp o procedimento que mais influenciou no processo de organização para o trabalho foi o direcionamento dado quanto as questões do ramo de atividade que iriam desenvolver, no caso: a limpeza hospitalar. Com relação ao desenvolvimento das relações sociais os membros da Coopercamp abordaram que o espaço de sociabilização proporcionado em reuniões, treinamentos, discussões, cursos e demais encontros foram decisivos para um bom relacionamento entre os membros da cooperativa. Na Cooperativa Serramar o aspecto mais significativo da influência da ITCP/UFPR foi com relação ao processo de organização para o trabalho. Os cursos ministrados aos membros da cooperativa ensinando a maneira correta de realizar a pesca e a coleta de peixes e frutos do mar, bem como procedimentos para conservação e utilização racional do meio ambiente foram muito significativas no processo de manutenção e aprimoramento de suas atividades profissionais. Também detectou-se neste estudo as dificuldades de ser realizado um processo de incubagem em cooperativas onde não há uma definição adequada quanto ao ramo de atividade a ser executado. O aspecto de escolaridade dos membros das cooperativas também é um fator impeditivo para um processo de incubagem rápido e eficaz. A questão de resistência de grupos em exercer atividades de forma cooperativa também foi diagnosticada como um fator de desagregação na atividade de incubagem. Em linhas gerais pode ser concluído que a ITCP/UFPR realizou uma atividade de incubagem satisfatória e que conseguiu, através de seus procedimentos junto às cooperativas em estudo, influenciar tanto nos processos de organização do trabalho, bem como no estreitamento das relações sociais.

ABSTRACT

This work treats of a study accomplished in *ITCP – Incubadora de Cooperativas Populares*, or Popular Collective Incubator, of Paraná Federal University (*UFPR*) and in two collectives that had passed through an incubated process. The two collectives under study are: *Cooperativa Serramar*, in the city of *Antonina* and *Coopercamp – Cooperativa Mista dos Trabalhadores da Capital Paranaense*, in the city of *Curitiba*; they execute respectively: activities of fishing and shellfish, fishes and other seafood processing and hospital cleaning. The study was made longitudinally from 1999 to 2001. The research sought to identify which procedures made by *ITCP/UFPR* influenced the development of social relations and the process of labor organization in both collectives using data collected through semi-structured interviews, questionnaires and non-participant observations. The study showed that the influence of *ITCP/UFPR* over the collectives was very significant. For *Coopercamp* the procedure that most influence its process of labor organization was the conduction given as a matter of which activity they would develop, in time: hospital cleaning. In respect to the development of social relations the members of *Coopercamp* defined that the social space offered by business meetings, training courses, discussions, courses and other meetings, was decisive for a good relationship among collective's members. In *Cooperativa Serramar* the most significant aspect of *ITCP/UFPR*'s influence was over the process for labor organization. The courses offered to the collective's members teaching the correct way of fishing and the collection of fishes

and shellfishes as well as procedures for conservation and racional use of the environment were very significant to the processes of maintenance and refinement of their professional activities. This study also detected the difficulties of doing such process of incubation in collectives where there is not an adequate definition of their activities to be executed. The level of scholarship of the collectives' members is also an impeditive factor for a fast and effective process of incubation. The resistance of some groups in doing activities collectively was also diagnosed as a factor of desegregation in the incubation activity. In large terms it's possible to say that *ITCP/UFPR* made a satisfactory activity of incubation and that got through procedures with the collectives under study to influence the processes of labor organization as well as the refinement of social relations.

INTRODUÇÃO

Com o objetivo de atingir sua meta de extensão, a Instituição Universitária, quando se torna responsável pela proposta e realização de projetos de intervenção econômica mediante a geração de renda e de postos de trabalho, acaba exercendo de forma plena seus preceitos. A título de exemplo, as ITCPs - Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares são uma forma eficaz e eficiente de tal inserção do meio universitário na sociedade da qual faz parte e à qual deve prestar contas em última análise.

O objetivo central do projeto da ITCP/UFPR é a inserção de setores marginalizados economicamente no sistema formal de economia. O público alvo é um contingente de trabalhadores, desempregados ou alguns inseridos no plano da economia informal, que pode, a partir da organização para um trabalho cooperativo, conquistar em comunidades a tão sonhada cidadania e por fim exercê-la da melhor forma.

O projeto de incubação trabalha com grupos organizados em associações de moradores, sindicatos, igrejas ou qualquer outro lugar onde possam reunir-se coletivamente. Assim, exercem o cooperativismo desde a primeira mobilização realizada na comunidade.

Faz mister, o desenvolvimento de um ambiente de pesquisa acadêmica e de uma boa vontade por parte de pesquisadores a fim darem conta das atividades práticas de incubagem de cooperativas, aquelas construídas a partir da efetiva interação com a população interessada em se inserir nessa forma de organização para o trabalho. São importantes, também, as atividades que dizem respeito ao

progresso e contínua versão de estudos da metodologia de incubagem que abrangerá os sucessivos passos que se fazem necessários ao penhor de êxito do empreendimento. Torna-se necessário, ainda, o desenvolvimento de uma estrutura de investigação de apoio às diligências das cooperativas.

O contínuo desenvolvimento da metodologia de incubagem por parte da universidade deve gerar inúmeros subprodutos inovadores tais como: metodologia de formação em gestão, contabilidade, administração, *marketing*, qualidade total; metodologias de cursos de capacitação profissional para serviços considerando as variantes tecnológicas, metodologias de pesquisa de mercado voltada a pequenos empreendimentos; etc.

O caso ora estudado da ITCP/UFPR - Universidade Federal do Paraná - tem atuado de modo bastante relevante na Região Metropolitana de Curitiba, na cidade de Antonina e litoral do Estado.

Tal desvelo da Universidade representa uma relevante associação entre o Ministério do Trabalho e Emprego, universidades brasileiras e estrangeiras, apresentando possibilidades de soluções objetivas e concretas frente ao difícil quadro vivenciado por importante extrato da sociedade nacional – o desemprego.

O projeto em tela tem, como foco capital, as colocações de trabalho a serem gerados, com a perspectiva de vinte e dois mil postos de trabalho em três anos, a partir de seu início. Além de qualificar estes trabalhadores, representarão, cerca de cem mil pessoas atingidas em todo o Brasil; sendo que no Paraná mais de quinhentas pessoas já foram qualificadas.

Tem por objetivo, ainda, disseminar o protótipo de incubadora para outras universidades – trinta incubadoras em três anos –, o que significa uma ação

concreta da Universidade, transferindo tecnologia e gerando novas metodologias na área do labor. No Paraná já existe interesse em constituir incubadoras por parte da UEM – Universidade Estadual de Maringá e UEL – Universidade Estadual de Londrina; ambas supervisionadas e orientadas pela UFPR.

Um dos aspectos relevantes deste trabalho é a demonstração da importância da organização de grupos em forma de cooperativas de base popular. Esse fato conseqüentemente auxilia na formação política e cidadã dos indivíduos envolvidos no processo cooperativo.

Outra contribuição desta pesquisa é a de dar subsídios a pesquisas futuras em várias áreas de conhecimento, tais como: Administração, Sociologia, Psicologia, Cooperativismo, etc, uma vez que existam poucos estudos sistematizados com relação ao assunto em questão.

A fim de proporcionar um melhor entendimento ao leitor o trabalho está dividido por partes onde primeiramente estão expostos os objetivos geral e específicos a que se propõe. Em seqüência será exposta a base teórica. A terceira parte do trabalho está destinada à metodologia e a última aos resultados de pesquisa e considerações finais.

1.1– Formulação do Problema de Pesquisa

Diante das constatações observadas, durante o processo de pesquisa, pode-se apresentar como tema de pesquisa a influência de muitos valores pessoais e grupais. Existem os valores por parte dos dirigentes do Programa de

Apoio de Ética e Cidadania da PROEC – Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPR e também valores dos indivíduos das comunidades onde são realizados os processos de incubagem.

Com isso foi formulada a seguinte pergunta de pesquisa:

“QUAIS PROCEDIMENTOS DA INCUBADORA TECNOLÓGICA DE COOPERATIVAS POPULARES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ INFLUENCIARAM NO DESENVOLVIMENTO DAS RELAÇÕES SOCIAIS E DE ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NAS COMUNIDADES INCUBADAS?”

1.2 – Objetivos da pesquisa

1.2.1 – Objetivo geral

Para este trabalho de pesquisa tem-se o seguinte objetivo geral:

- Identificar quais os procedimentos da ITCP/UFPR que influenciam no desenvolvimento das relações sociais e de organização do trabalho nas comunidades incubadas.

1.2.2 – Objetivos específicos

- Relacionar os conceitos de cooperativismo;

- Definir o conceito de incubadora tecnológica;
- Definir o conceito de incubadora tecnológica de base popular;
- Descrever o processo de incubagem de cooperativas de base popular;
- Identificar os procedimentos da ITCP/UFPR que influenciam no desenvolvimento das relações sociais das comunidades em estudo;
- Identificar os procedimentos da ITCP/ UFPR que influenciam no processo de organização do trabalho das comunidades em estudo;
- Relatar as impressões dos membros das comunidades em estudo pré e pós processo de incubagem.
- Tecer observações finais sobre a pesquisa.

1.3 - Justificativas: teórica e prática

Uma justificativa tem como função principal legitimar algum assunto ou uma afirmação, FERREIRA (2000); assim, ao propor-se uma legitimação para este trabalho e razões aos procedimentos deste estudo estão sendo apontados determinantes que validem os esforços realizados.

Primeiramente, será exposta a justificativa teórica e seqüencialmente a prática. De fato, não se pode afirmar que uma e outra não tenham entre si uma relação de aproximação. Toda justificativa pressupõe uma perspectiva prática e teórica.

POPPER (1975) relaciona a interação e a correspondência entre o saber teórico como explicação e sistematização para um fenômeno real, assim como a superação entre modelos teóricos que se fundamentam em novos entendimentos acerca do seu correspondente físico ou social.

Assim, sempre que é proposta a realização de uma justificativa teórica, esta sempre se valida completamente quando consegue dar suporte a uma justificativa prática. Esta é portanto, a perspectiva deste trabalho, ao afirmar que sua contribuição teórica é a de firmar sistematicamente de modo científico um estudo de caso quanto à incubação de cooperativas populares por uma instituição que visa a pesquisa, o ensino e a extensão.

Ao efetuar-se um estudo que enfoca casos específicos possibilita-se visualizar subsídios a estudos que possam generalizar os conceitos aqui apresentados e, por comparação, abalzar uma fonte bibliográfica voltada a incubadoras tecnológicas e ao processo de incubagem de cooperativas em instituições universitárias públicas e/ou privadas e demais interessados que desejam implementar projetos que seguem neste sentido ou tenham a mesma visão.

Assim como este trabalho propicia uma base teórica para um público genérico; do mesmo modo, possibilita uma reflexão aos envolvidos nos casos analisados. Esta é uma contribuição prática deste estudo, no sentido de que os

envolvidos podem se identificar neste trabalho; ainda que para as demais pessoas estejam incógnitos; e, ponderando suas posições, mudar as práticas que julguem necessárias ou continuar com as atitudes que creiam compensadoras.

Além disto, uma possibilidade prática de contribuição deste trabalho para a sociedade é o de determinar condições necessárias ao sucesso do processo de incubagem de cooperativas. De fato, estes apontamentos dizem respeito diretamente aos envolvidos nos casos analisados: a ITCP/UFPR, as cooperativas Serramar e Coopercamp e servem como subsídio para estudos sobre estratégias, processos de incubagem, estudos de grupos de interesses, estudos de comportamento organizacional, estudos de comportamento de grupos distintos, entre outros estudos afins.

Ainda existe outra contribuição que este trabalho pode apontar, tal como o entendimento e a aplicação da Teoria da Ação Comunicativa como uma ferramenta de apoio ao processo administrativo cooperativo. .

2 – BASE TEÓRICA E EMPÍRICA

2.1 – Histórico do cooperativismo

O cooperativismo surgiu há mais de 200 anos como resposta de trabalhadores à destruição do seu modo de vida pela Revolução Industrial. Desde então, o capitalismo tem revolucionado sem cessar a vida dos trabalhadores mediante mudanças no modo de produzir e nos padrões de consumo. Cada uma destas revoluções trouxeram benefícios aos consumidores e empresários, mas custou a milhões de trabalhadores os seus empregos. Alguns deles enfrentaram o desafio criando suas próprias empresas, em que todos mandam por igual e o trabalho tem precedência sobre o capital, HARTUNG (1996).

O cooperativismo, iniciado por Robert Owen (1770 – 1858), propunha utilizar as forças produtivas proporcionadas pelas máquinas para acabar com a miséria e garantir a todos uma vida digna. Muito longe de ter uma perspectiva retrógrada, “o owenismo foi a primeira das grandes doutrinas sociais a aprender a imaginação das massas naquele período, que começava com a aceitação dos poderes produtivos ampliados pela energia a vapor e da fábrica. O que estava em questão não era tanto a máquina e sim a motivação do lucro; não as dimensões da empresa industrial mas o controle do capital social por detrás”, THOMPSON (1968, p. 408).

Owen celebrou-se primeiro como proprietário e condutor de *New Lanark*, a imensa empresa têxtil que adquiriu de David Dale, em 1799. A usina se situava à margem do Clyde, cujas águas forneciam-lhe energia hidráulica. Como se

encontrava longe da cidade de Lanark, os trabalhadores e suas famílias tinham de morar junto à fábrica, em casas pertencentes a Owen, THOMPSON (1968). Ele adquiriu a casa e as terras em que viveu Lord Braxfield, abriu a área aos trabalhadores, construiu novas casas e reformou as velhas, abriu uma escola, inaugurou uma loja em que artigos não-adulterados podiam ser adquiridos a preços baixos, reduziu a jornada de trabalho e aumentou os salários. Mesmo quando a produção teve de ser suspensa por causa da guerra, Owen, ao contrário de demitir os operários, pagou-lhes os salários. Apesar de tudo que fez ou talvez por causa disso, Owen continuou realizando bons lucros. Depois desta experiência, com altos e baixos, ao longo de sua história, o cooperativismo cumpriu importante papel de alternativa democrática e igualitária ao capitalismo, THOMPSON (1968), MÜNKNER (1988) e HARTUNG (1996).

Com isso verifica-se o início do cooperativismo contemporâneo. Surge como um movimento e uma nova forma de desenvolvimento de atividades laborais. Com o processo de trabalho cooperativo observa-se que há um movimento para a humanização do trabalho. É dada uma importância maior à atividade laboral, bem como a quem a executa. No processo de trabalho desenvolvido de forma cooperativa, encontra-se indivíduos mais satisfeitos com relação ao seu papel no mundo do trabalho, HARTUNG (1996), pois se sentem mais inseridos no processo produtivo e também importantes enquanto indivíduos na sociedade.

Atualmente, um número imenso de cooperativas espalhadas por todo o mundo, estão desenvolvendo suas atividades nos mais diversos segmentos: comércio, indústria e prestação de serviços.

Uma cooperativa caracteriza-se como uma equipe de gestão composta por quatro grupos diversos: os associados, os administradores eleitos, os administradores contratados (diretores e gerentes) e os empregados, SCHNEIDER (1991). É importante salientar que, em cooperativas pequenas, como no exemplo das que estão em estudo, não existe a figura do empregado contratado, pois são os próprios cooperados que executam as atividades laborais. Quando em cooperativas economicamente grandes e administrativamente complexas, por razões práticas ou por necessidades de mercado, delegam-se funções aos administradores contratados.

2.2 – Cooperativismo no Brasil

No Brasil, os primeiros registros de movimentos cooperativistas estão intimamente ligados às questões agrícolas. Não existem muitas bibliografias que tratem a respeito do início do cooperativismo no Brasil, desta forma torna-se bastante difícil apresentar uma completa elucidação sobre tal assunto. Mesmo assim, procurou-se apresentar um breve histórico para um melhor entendimento sobre o início do cooperativismo no país.

O cooperativismo surgiu no Brasil mais como um movimento social do que como uma forma de organização do e para o trabalho. Percebe-se então o caráter não profissional que o cooperativismo assumiu no Brasil em meados do século XIX, mas sim, um movimento de indivíduos procurando seus direitos de fixação à terra

e de venda de sua produção agrícola; buscando uma inserção e uma participação maior nos meios de produção. As questões do cooperativismo começaram a surgir com os problemas relacionados à terra e à agricultura, LUZ FILHO (1953), e com a necessidade dos indivíduos trabalharem de forma mais organizada, isto é, apresentar uma adequação no rodízio de safras, de comercialização, de financiamentos, de estocagem, entre tantos outros fatores relevantes que auxiliam no desenvolvimento de suas atividades.

Por serem extremamente escassos os autores e obras que apresentam relatos sobre o início do cooperativismo no Brasil, restou pesquisar na legislação brasileira uma melhor fonte de informações sobre este assunto. Assim buscou-se através de legislação específica, encontrar respostas ao início do processo cooperativista no Brasil.

Em 1903, através de decreto número 979, do dia 6 de janeiro surge a primeira lei específica que possibilita aos agricultores e demais profissionais de indústrias rurais a organização de sindicatos, MOURA (1965). Com isso tem-se um primeiro passo ao processo de cooperativismo no Brasil. Em 5 de janeiro de 1907, através de decreto número 1637, há a criação de sindicatos profissionais e sociedades cooperativas. Assim, verifica-se que o surgimento de leis que assegurem a legitimidade de movimentos e sociedades cooperativas iniciou-se de forma específica e aplicada no início do século XX, com a característica de estar mais voltada ao setor agrícola.

Atualmente, o maior número de cooperativas existentes no país são voltadas à agricultura, não fugindo à vocação do Brasil, ARAÚJO (1982). Existem um número muito grande de cooperativas agrícolas em todo o país, indo do

extremo norte ao sul. O objetivo delas é agruparem produtores dos mais diversos tipos de produtos para que unidos possam vender as safras, obter preço justo, Ter força perante o mercado consumidor, conseguir linhas de financiamento, entre outros.

Mas, no Brasil, atualmente, não há apenas cooperativas agrícolas. Com a inconstância na economia nacional e também com a mudança de vocação exclusivamente agrícola do país começaram a surgir outros tipos de cooperativas. Uma delas é a de serviços, motivadas pelas novas formas de trabalho e também pela conjuntura econômica. As cooperativas de produção que também representam uma boa parte das cooperativas existentes hoje no Brasil. Surge ainda um tipo de cooperativa chamada de popular, SINGER (1999), que possui uma estruturação mais simplificada que as demais cooperativas e que geralmente tem que sofrer o processo de incubagem para sua manutenção inicial. Este tipo de cooperativa é composta por um grupo de indivíduos, dos mais diversos extratos da sociedade, que se unem para executarem alguma atividade de produção ou de prestação de serviços.

Assim, verifica-se que o cooperativismo no Brasil, apresentou inicialmente uma vertente exclusivamente agrícola, mas que com o desenvolvimento e transformação das formas do mundo do trabalho, bem como com as transformações econômicas, apresenta-se hoje novas formas de cooperativas, voltadas às necessidades dos agrupamentos de cooperados e da sociedade como um todo.

2.3 – Cooperativismo e autogestão: trabalho e desafio

A caracterização de cooperativas está calcada no processo de autogestão, o que para SINGER (1999) é uma idéia tão velha quanto a própria empresa industrial. São experiências que refletem o conflito tradicional entre capital e trabalho, propondo uma solução tão difícil quanto fundamental no sentido de construir uma sociedade justa, igualitária e fraternal. Essa idéia é salientada por MORAES (2000; p.67) quando expõe que “... na busca do consenso é mister, pois, uma argumentação verdadeira, da qual compartilham todos os participantes, cooperativamente, como síntese do processo comunicativo...”. Analisando o processo cooperativo como um movimento de comunicação individual e grupal tem-se em KANAANE (1999; p. 78) uma contribuição importante quando este argumenta que “o sistema total de crenças do indivíduo corresponde a um agrupamento de suas crenças, que variam em profundidade, que são formadas como resultado de sua atuação na natureza e na sociedade, ajudando na manutenção de um sentimento de identidade do ego e do grupo...”. Assim, verifica-se que a transformação de um sistema de trabalho tradicional e altamente solidificado na sociedade, para um trabalho cooperativo é algo lento porque não está inserido apenas no individual, mas também no grupal. Com isso, toda a interação laboral e comunicativa torna-se mais complexa e lenta, porém necessária para o objetivo a que se propõe.

Gutierrez citado em VIEITEZ (1997, p. 27 – 34) afirma que a autogestão esteve muito evidente nos anos setenta e parte dos anos oitenta, sendo após este período esquecida tanto como objeto de pesquisa ou como alternativa

organizacional. Atualmente o assunto autogestão retorna ao cenário acadêmico por causa da economia social. No Brasil, as empresas que funcionam no processo de autogestão estão representadas pela ANTEAG – Associação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Autogestão e Participação Acionária.

Pode-se dizer, conforme RECH (1995), que um dos grandes problemas das empresas de autogestão é a questão da propriedade, pois os indivíduos não conseguem absorver os novos conceitos estabelecidos no cooperativismo. A idéia da incapacidade para um novo *modus operandi* para a laboralidade é bem explicitada por PAGÈS (1987; p. 106) quando afirma que há a “introdução de uma lógica dominada pelas relações mercantis no conjunto das relações sociais”. Com isso posto, percebe-se e entende-se claramente os processos impeditivos de uma transformação da concepção do trabalho nas cooperativas em estudo.

A importância de uma sociedade que vive de forma cooperativa é inegável, transferindo todo um espírito empreendedor para a estrutura organizacional onde atuam, MÜNKNER (1988). O conceito de trabalho cooperativo e em equipe multidisciplinar também foi absorvido pelo próprio pessoal da ITCP/UFPR no desenvolvimento de suas atividades. Contudo, é importante salientar que, para o pessoal da ITCP é uma experiência totalmente nova o trabalho neste tipo de sistema, que além de ser cooperativo dentro de uma estrutura de ensino público, é também multidisciplinar. As mudanças ocorridas no mundo do trabalho, nos últimos dez anos, fez com que os indivíduos perdessem seus postos de trabalho, SANTANA (1999). Com isso, as agrupações coletivas, sejam elas em forma cooperativa ou não, são uma alternativa para que os indivíduos consigam sua subsistência e conseqüentemente mantenham outros fatores sociais que

influenciam na manutenção de sua cidadania. CAPRA (1982), foi bastante explícito ao dizer que os indivíduos atingiriam o ponto de mutação onde as forças competitivas individuais dariam espaço às forças cooperativas, uma visão reducionista daria espaço à sistêmica. Percebe-se então, que um modo sistêmico de agir faz com que haja uma potencialização de forças, e com isso, no mundo do trabalho e nos relacionamentos, encontra-se sucesso e objetivação maiores para alcançar as metas propostas.

As questões de simbolismo nas sociedades são de suma importância para o entendimento das relações, tanto pessoais como nas de trabalho, GUERREIRO RAMOS (_____). Verifica-se que o processo de incubagem representa um efeito simbólico e diferenciado, tanto no individual, como no grupal. Os símbolos de aceitação social, de integração, entre tantos outros faz com que esse tipo de projeto proposto pela ITCP/UFPR torne-se algo inovador e consiga resgatar valores humanos esquecidos em uma sociedade tão individualista.

É importante salientar que em cooperativas populares incubadas pelas universidades, existem um número sem fim de problemas ocasionados por formas incorretas de gestão advindas principalmente pela falta de capacitação, MÜNKNER (1988). Pode-se argumentar que a falta de capacitação existe porque as cooperativas populares são formadas por indivíduos carentes, de comunidades marginalizadas que tiveram pouco ou nenhum acesso a instrução formal. Os recursos físicos, financeiros e técnicos das cooperativas populares são escassos, oriundo na maioria das vezes de arrecadação coletiva ou de doação de terceiros. Com tantas dificuldades orçamentárias torna-se difícil a contratação de indivíduos devidamente preparados para a execução do gerenciamento da cooperativa.

Assim, os próprios membros da cooperativa popular tentam organizar-se para administrar a mesma. Porém é sabido que tal atividade é de difícil execução para tais indivíduos que apresentam baixo grau de preparação teórica e técnica. Eschenburg citado em MÜNKNER (1988, p. 157) salienta bem a questão da ineficiência administrativa no caso dos membros da cooperativa não terem o preparo adequado para a execução das atividades. SINGER (1999) salienta que para não existirem conflitos diretivos e administrativos o profissionalismo deve ceder lugar ao profissionalismo. Algumas vezes as pessoas eleitas dentro de um processo cooperativo não estão habilitadas e/ou capacitadas para o labor, e, para tanto, devem ser assessoradas por serviços de consultoria interna e externa, com isso, entra o sistema de incubagem como grande fator de auxílio à comunidade.

2.4 - A ACI – Aliança Cooperativista Internacional

Para SCHNEIDER (1991) a ACI é o órgão máximo das cooperativas em todo o mundo e atua nos mais diversos tipos e segmentos de mercado.

É importante analisar o princípio democrático tal como aparece no conjunto de critérios que são adotados para a admissão de cooperativas à ACI. Esses critérios são os princípios que as cooperativas filiadas a ACI devem observar. Por isso há por parte das universidades ligadas à Rede de Incubadoras de Cooperativas Populares um interesse imenso em estar ligada à rede internacional, e assim estar sendo regida por mecanismos adequados e justos. Os princípios da ACI são bastante antigos, tendo sido formulados e estudados de 1930 a 1937, GUIMARÃES (1999).

Em 1966 foi introduzido, pela ACI, o princípio de cooperação intercooperativa, no sentido de ajudar as outras cooperativas. Esse princípio até hoje é muito utilizado tanto em cooperativas específicas como também em Cooperativas Populares. No programa de incubagem realizado pela UFPR tem-se o exemplo de intercooperação, atitude esta que engrandece e dignifica cada instituição participante, bem como seus membros, SINGER (1999).

2.5 – As incubadora tecnológicas

A definição usualmente mais utilizada para definir incubadora tecnológica é a de que elas são um arranjo interinstitucional com instalações e infra-estrutura física e administrativa apropriadas, estruturada para estimular e facilitar a constituição e a consolidação de empresas cooperativas ou não, VIEIRA (1996) e SINGER (1999).

Uma infra-estrutura física e administrativa adequada para uma incubadora deve apresentar prédio com módulos de uso individual, *hall* de entrada e “*show-room*”; áreas comuns a serem utilizadas como recepção, secretaria, salas de reuniões e treinamentos; serviços de secretaria; serviços de comunicação: *fax*, *telex*, *e-mail*, telefone e correio; entre outras instalações gerais de copa, cozinha e sanitários, ROSA JÚNIOR (1995). As incubadoras tecnológicas são consideradas como um dos principais mecanismos de apoio às empresas de pequeno porte, MEDEIROS (1998) e MATOS (1999), mas não se deve pensar que são incubadas apenas empresas pequenas e de baixa tecnologia.

As incubadoras tecnológicas ainda oferecem, além dos serviços de infraestrutura, serviços especializados que incluem a gestão tecnológica e orientação empresarial; informações mercadológicas; orientação jurídica; serviços de contabilidade; registro e legalização da empresa; compra conjunta de materiais e equipamentos; divulgação e *marketing*; uso de laboratórios das unidades e centros de pesquisa; contratação de assessorias; informações tecnológicas através de bibliografia específica ou acesso a base de dados; elaboração de projetos e documentos técnicos para obtenção de financiamentos e empréstimo de equipamentos, SILVA (2000). Também deve oferecer serviços de cadastramento e homologação em órgãos governamentais; registro de marcas e patentes, quando houver necessidade, AVEZEDO (1995). A ITCP/ UFPR, por ausência de recursos financeiros, não apresenta uma estrutura devidamente ajustada aos fins a que se destina, precisando de uma estruturação física e administrativa mais coerente e que realmente cumpra seu papel junto às empresas por ela incubadas.

No Brasil, os primeiros empreendimentos de incubadoras tecnológicas surgiram inicialmente ligadas às universidades ou às instituições de pesquisa. Tem-se como registro histórico a primeira incubadora tecnológica na Universidade de São Carlos na cidade de São Carlos, em São Paulo, em 1986. Em 1987 foi implantada uma incubadora tecnológica em Florianópolis, em Santa Catarina, vinculada à Universidade Federal de Santa Catarina, ROSA JÚNIOR (1995). No Paraná as incubadoras tecnológicas surgiram ligadas ao TECPAR – Instituto de Tecnologia do Paraná e à UFPR.

Existem ainda incubadoras tecnológicas formadas e vinculadas à fundações privadas, associações industriais e comerciais, prefeituras e governos

estaduais e às ONGs – Organizações não-governamentais, POSSAS (1995) e MATOS (1999).

As incubadoras tecnológicas são parte integrante dos pólos e parques tecnológicos, LUNARDI (1997). O modelo de parques e pólos tecnológicos, onde estão inseridas as incubadoras, é advindo dos Estados Unidos. Esses modelos constituem em empreendimentos que contaram com a participação do governo, instituições acadêmicas e indústrias locais, LUNARDI (1997); PALADINO e MEDEIROS (1997). Assim, adotando esse modelo, esses parques tecnológicos com suas incubadoras foram palco de grandes inovações tecnológicas que resultaram no surgimento de empresas mundiais de grande porte.

Na cidade de Curitiba existe Parque Tecnológico onde estão incubadas empresas de alta tecnologia, também chamadas empresas de tecnologia de ponta, ALMEIDA e PACIORNIK (1996), GOMES (2000) e HIWATASHI (2000). Esse parque tecnológico tem sido palco de incubação de empresas que têm se mostrado bastante promissoras, o que conseqüentemente representa a eficiência e eficácia no desenvolvimento do processo de incubagem. Portanto, o papel das incubadoras tecnológicas é de suma importância para o desenvolvimento de empresas, independentemente de seu porte, bem como para ampliação, divulgação e disseminação de avanços tecnológicos.

De acordo com dados do Programa das Nações Unidas para desenvolvimento (PNUD) em 1995 haviam cerca de mil e quinhentas incubadoras tecnológicas em funcionamento em diferentes partes do mundo, SINGER (1999). No Brasil, não há uma estatística que demonstre o número exato de incubadoras tecnológicas e empresas incubadas existentes. Estima-se que nos grandes centros

urbanos e nas cidades onde existem universidades de grande porte há incubadoras tecnológicas ou ainda projetos para implantação das mesmas.

2.5.1 – As incubadoras tecnológicas de cooperativas populares (ITCPs)

As ITCPs possuem as mesmas funções que as demais incubadoras. O diferencial existente é que as cooperativas de base popular são empresas que, geralmente, não dispõem de alta tecnologia. Estas cooperativas geralmente são formadas por indivíduos que não possuem alto grau de escolaridade, salvo algumas exceções, LOPES (1999). Na maioria das vezes a empresa é constituída, FARIA (2000; p. 195), “por indivíduos ou técnicos com pouca ou nenhuma formação específica para assumir determinadas funções no novo empreendimento”, por isso, um dos grandes desafios das incubadoras é atuar na instrução e transformação de tais pessoas. Além disso, um dos papéis das ITCPs é o de trabalhar conceitos básicos de trabalho cooperativo; atuarem na qualificação e re-qualificação dos indivíduos e realizam todas as demais atividades concernentes ao seu objetivo principal, SINGER (1998).

Aproveitando-se do ambiente e dos serviços oferecidos pelas ITCPs, as empresas cooperativas incubadas têm maiores chances de sobreviverem, crescerem e tornarem-se independentes gradualmente, VIEIRA (1996). As empresas, independentemente do seu ramo de atividade, ficam incubadas por um período aproximado de três anos. Na ITCP/ UFPR o objetivo maior é que no prazo de dois anos as empresas incubadas já possam estar desenvolvendo suas

atividades total ou parcialmente desvinculadas, levando-se em consideração as características de cada uma, bem como seu ramo de atividade.

Os custos provenientes do processo de incubagem são negociados para que sejam pagos em parcelas, conforme seja melhor para ambas as partes: incubadora e incubada. Existem também os custos compartilhados, isto é, aqueles que são comuns a ambas as partes, tais como manutenção da infra-estrutura física, entre outros, ALENCAR, CRAVEIRO e CARVALHO (1995). Nesse caso de compartilhamento de custos existe negociação prévia de como serão rateados os mesmos. No estudo realizado com a ITCP/UFPR, questões referentes a rateamento de custos não foram detectados.

As ITCPs apresentam oito objetivos específicos, que norteiam seus procedimentos para com os incubados, conforme MEDEIROS (1998; p. 13):

- “ Oferecer infra-estrutura física;
- Apoiar técnica e gerencialmente as empresas;
- Acelerar a consolidação das empresas incubadas;
- Fortalecer a capacitação empreendedora;
- Desenvolver ações associativas e compartilhadas;
- Reduzir os custos;
- Buscar novos apoios e parcerias às empresas;
- Divulgar as empresas incubadas e participar da Rede Universitária”.

Tem-se ainda como objetivo das incubadoras de cooperativas de base popular a prestação de serviços necessários para montagem, implantação e reciclagem de cooperativas populares, oferecendo assistência profissional, orientação, apoio técnico, formação e assessoria, LIANZA (1998). Além dessas atividades, orienta a formação de novas cooperativas populares, por meio de

pesquisas e estudos, levantando as necessidades do mercado de trabalho, MATOS (1999), DIAS e MACULAN (2000), estabelecendo um estreitamento das relações universitárias com segmentos sociais marginalizados no que diz respeito ao acesso a conhecimentos, então, para que isso ocorra, promovendo cursos em vários níveis oferecidos pela ITCP/UFPR.

Então a alternativa de organização da população economicamente ativa desse setor garantiria melhores condições de obtenção de produtividade e qualidade, além de disponibilização de um instrumento jurídico que pudesse reintegrá-las à formalidade. Duas alternativas de políticas públicas apresentam-se, não excludentes. A primeira é apoiar os empreendimentos do setor informal, capacitando seus gestores, oferecendo acesso a programas de crédito popular e facilitando os trâmites legais que os conduzam à formalização. Outra alternativa possível é incentivar uma diferente forma de organização desses indivíduos através de uma cooperativa de trabalho, seja de prestação de serviços ou de produção, GUIMARÃES (1999). Nesse contexto a experiência institucional de geração de trabalho e renda, as ITCPs surgem como um projeto de estímulo a cooperativas de trabalho como forma de organização de trabalhadores excluídos do mercado formal de trabalho e desprovidos de todo e qualquer tipo de criatividade, DE MASI (1999).

Existem muitas razões para se defender a implantação das ITCPs, MATOS (1999), pois se tornaram escassas as possibilidades de absorção de mão-de-obra no mercado formal de trabalho. As estratégias de sobrevivência dos indivíduos voltam-se para atividades inseridas no setor informal da economia, caracterizadas pela descontinuidade, falta de exigência de qualificação e baixa remuneração. O mercado informal invariavelmente também cerceia a melhoria da condição

econômica de seus participantes impelidos a oferecer serviços e produtos de baixa qualidade, o que ocasionalmente provoca conseqüente atrofia do mercado a que tem acesso. Sob mesma condicionante, igualmente não possuem acesso ao crédito ou a programas governamentais de apoio a pequenos empreendimentos, como temos o exemplo do SEBRAE, RECH (1995).

2.6 – Rede de Incubadoras

A ITCP/UFPR está filiada a uma rede de universidades públicas que iniciou seus trabalhos em meados da década de 90, GUIMARÃES (1999), na COPPE/UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente existem treze importantes universidades também filiadas: UFC - Universidade Federal do Ceará, UFRPE - Universidade Federal Rural de Pernambuco, UNEB - Universidade Estadual da Bahia, FUNREI - Universidade Federal de São João Del Rei, UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora, FSA - Fundação Santo André, UFSCar - Universidade Federal de São Carlos, USP - Universidade de São Paulo, UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina, FURB - Universidade Regional de Blumenau, UNISINOS - Universidade do Vale do Rio Sinos e UFPR - Universidade Federal do Paraná, GUIMARÃES (1999). Essas universidades estão estruturadas sob forma de rede, em um programa da Fundação UNITRABALHO, que envolve instituições de ensino com grupos ligados especificamente à área do trabalho.

A Rede Universitária de ITCPs, tem em sua coordenação nacional a direção da Incubadora da COPPE/UFRJ. O objetivo é trabalhar com o intercâmbio

de experiências entre técnicos e cooperativados, bem como com todas as universidades participantes, orientando e organizando o processo de incubagem, como princípio básico de um modelo inovador de economia, GUIMARÃES (1999).

A Rede Universitária designou para cada universidade filiada, núcleos de concentração para estudos, chamados núcleos temáticos. Isso significa que cada instituição deve se aprofundar em uma área de conhecimento específico e repassar às demais as informações e os resultados de pesquisas a fim de existir uma grande e eficiente conexão de conhecimentos. Dentro da Rede Universitária, a UFPR, coordena a nível nacional, o núcleo temático de Direito e Legislação.

A Rede Universitária é de fundamental importância, LIANZA (1998), porque por si só é um exemplo do trabalho cooperativo, pois mesmo estando as universidades geograficamente distantes, elas trabalham de forma organizada, tentando suprir as necessidades de conhecimento e informação umas das outras.

A estruturação da Rede de ITCPs é apresentada da seguinte forma, MATOS (1999; p. 15):

- “ Uma coordenação colegiada composta por representantes das Incubadoras com mandato de dois anos e autonomia de trabalho com relação às questões decididas nos encontros da Rede. Subdivide-se em uma Coordenação Nacional e em Coordenações Regionais (SUL, SE, NE);
- Núcleos temáticos (NT), formados por membros de no mínimo três diferentes incubadoras filiadas à Rede. Os núcleos temáticos são permanentes e buscam aprofundar as discussões temáticas de interesse da rede. Atualmente existem dois NTs: Metodologia de Incubagem e de Direito Cooperativista, sendo que o último é coordenado pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal do Paraná;
- Grupos de Trabalho (GT) que se formam para executar as decisões nascidas nos encontros da Rede e dão suporte a coordenação

colegiada. Dissolvem-se à medida que executam o que foi programado.”

2.6.1 – Objetivos da rede de incubadoras

Podem ser citados como objetivos da Rede de Incubadoras os seguintes itens, GUIMARÃES (1999; p. 11):

- “Produção de conhecimento e metodologia;
- Independência, seja individual ou grupal;
- Fomentar e fortalecer uma Rede Nacional de Cooperativas Populares”.

A Rede de Incubadoras ainda tem a função de articular as experiências acumuladas pelas universidades no suporte à formação e ao desenvolvimento de Cooperativas Populares. Promover a inserção social e a melhoria de qualidade de vida de comunidades marginalizadas. Produção e socialização dos conhecimentos são também metas a serem atingidas pela Rede Universitária, GUIMARÃES (1999).

São também princípios da Rede de Incubadoras, conforme DEJANIR (1993; p. 45):

- “Reafirmar os princípios da ACI – Aliança Cooperativista Internacional;
- Conceber a universidade como uma instituição a ser respeitada como
- *locus* de produção e socialização de conhecimento, com autonomia crítica e produtiva;

- Desenvolver e disseminar conhecimentos sobre Cooperativismo e Autogestão, contribuindo para o desenvolvimento da Economia Solidária;
- Estimular a intercooperação promovendo a produção e socialização dos conhecimentos entre a Incubadoras e destas com o meio universitário, outras redes afins e a sociedade;
- Organizar-se autonomamente e se relacionar com outras Redes, que conjuguem princípios e objetivos convergentes;
- Estimular a criação de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas
- Trabalhar na constituição, consolidação e integração das Cooperativas Populares, fortalecendo, subsidiando e respeitando a autonomia das Redes às quais estão vinculadas.”

A Rede de ITCPs também articula com outras ações que se destinem ao desenvolvimento pessoal e intelectual dos indivíduos. Isso ocorre a nível nacional e internacional, conforme LIANZA (1998; p.65) nos aponta:

- “Com a ANTEAG – Associação Nacional de Empresas Autogestionárias. É um projeto da década de 90 que tem por base assessorar e articular grupos de trabalhadores que, por falência ou processo falimentar das empresas, assumem a direção ou parte do controle da empresa. Hoje, constitui-se em mais de 70 empresas no Brasil, de pequeno, médio e grande porte. Essa articulação lançou em julho de 1999, no encontro nacional da rede, o banco de autogestão;
- Com a Agência de Desenvolvimento Nacional, em processo de formação pela Central Única de Trabalhadores (CUT), que tem o objetivo de fomentar atividades econômicas, no âmbito da economia solidária”;
- Com a Associação das Incubadoras das Empresas Nacionais. Para GUIMARÃES (1999) são setenta e oito incubadoras de empresas, agora acrescida das treze ITCPs.

Em nível internacional tem-se a ITCP/UFPR e a Rede Nacional que participam da Rede Pan-americana de Universidades e Cooperativismo, formada por 18 universidades situadas nas três Américas. Seu objetivo é articular as ações de universidades ligadas ao cooperativismo, LIANZA (1998) e MATOS (1999).

Dentro das Américas, a Universidade de Sherbrooke, no Canadá, coordena as atividades de incubagem, sendo hoje a instituição que mais executa pesquisas nesta área e em cooperativas populares. Por ser uma instituição voltada ao ensino, pesquisa e extensão na área de Administração de Cooperativas, a Universidade de Sherbrooke tornou-se referencial para a ITCP/UFPR, MEDEIROS (1998).

2.7 – Vinculação das incubadoras às universidades

Apesar de estarem vinculadas a vários tipos de instituições, tais como prefeituras e autarquias, tem-se nas universidades os espaços mais propícios para o desenvolvimento de incubadoras, como forma de cumprimento da tríade de atividades que a caracteriza: o ensino, a pesquisa e a extensão, SINGER (1999). É por este motivo, que a maioria das incubadoras estão inseridas em instituições de ensino, como é o caso da ITCP/UFPR.

O papel da universidade deve responder aos desafios tais como o de implantação de incubadoras, não se subordinando, mas também não ignorando mudanças necessárias de intervenção no mundo do trabalho e na transformação social, CHAUI (1995). Por isso, nos últimos quinze anos, grande número de incubadoras têm surgido, ligadas a universidades e a centros de ensino, como uma

resposta à sociedade no sentido de estimulação à mesma, STAINSACK (2000). Assim, com as incubadoras vinculadas às instituições de ensino têm-se uma maior segurança, por parte dos incubados, quanto aos suportes técnicos que irão receber por parte das equipes multidisciplinares.

A presença da universidade em programas que englobem a sociedade é de suma importância. Há nesse ambiente a concentração de um bom número de indivíduos técnicos e docentes com conhecimentos específicos para o desenvolvimento de vários tipos de projetos. Por meio de programas e projetos a universidade não só participa do cotidiano da sociedade, como contribui na busca de soluções que provam a redução das desigualdades sociais, ZAGOTTIS (1995) e SINGER (1999). Portanto, é de fundamental importância que a universidade se integre em um permanente esforço de pensar novas relações sociais e de trabalho para que haja um desenvolvimento mais uniforme da sociedade como um todo.

A intervenção dos mecanismos universitários na construção de mudanças sociais é de primordial importância para a sociedade, BENJAMIM (1976). Assim, a universidade pública atua como agente de promoção de humana, POSSAS (1995), onde pode e deve exercer plenamente uma função social auxiliando comunidades, tais como o processo de incubagem, instrução dos indivíduos, resgate de cidadania, cuidando sempre para não adotar uma postura paternalista que acaba não surtindo crescimento individual e grupal.

O papel da universidade vai muito além de produzir somente textos e demais programas acadêmicos, os quais são direcionados para apenas um grupo seletivo, GOLDEMBERG (1995). A universidade deve interagir com todos os indivíduos de tal forma que a promoção social seja um de seus grandes objetivos.

Programas de incubagem, como o que está em estudo, mostram que o serviço público de ensino tem se preocupado em atuar em um ambiente menos restrito, proporcionando um desenvolvimento social mais equânime. Portanto, a universidade deve mostrar resultados para a sociedade, promovendo ações efetivas que possuam alto grau de instrução para a vida, CHAÚÍ (1995).

Um dos papéis da universidade é a interação com o sistema produtivo, seja ele de serviços ou produção, ZAGOTTIS (1995) e CHIAPETTI (2000), resgatando assim o trabalho junto à sociedade. Tal fato se dá pelas grandes transformações ocorridas no mundo do trabalho, onde para CARVALHO (1998; p. 96), “O desenvolvimento tecnológico traz a necessidade de novas qualificações para o trabalhador que apresenta um novo perfil. A exigência de preparação para o desempenho de atividades relacionadas às novas tecnologias retirou do mercado trabalhadores com baixo nível educacional”. Assim, a universidade surge como um agente social no sentido de auxiliar os indivíduos a se inserirem no processo produtivo, pois, por um longo período de tempo, a academia se manteve em estado de reclusão, sem um contato direto com o público em geral. Nas comunidades em estudo CIC em Curitiba e de pescadores em Antonina tem-se o exemplo de interação da academia com a comunidade. É evidente que toda interação causa mudanças e impactos na estrutura do meio ambiente, como espaço de interação, e nos indivíduos. Assim, uma abordagem e um estudo das conseqüências sociais exercidas sobre um grupo ou sociedade são fundamentais para um bom desenvolvimento de um projeto, seja qual for seu grau de complexidade, PELIANO (1995). Um dos grandes entraves para um melhor desenvolvimento dos projetos da ITCP/UFPR nas comunidades em estudo foi a falta da realização de melhores

pesquisas de comportamento social, principalmente na comunidade de pescadores em Antonina.

2.8 – O processo de incubagem

O sistema de incubagem realizado pelas ITCPs, tem como objetivo maior, oferecer suporte devido e adequado para que suas incubadas, GUIMARÃES (1999). O apoio técnico e administrativo deve estar presente, bem como o treinamento adequado para que as cooperativas possam prosseguir suas atividades mesmo depois que o processo de incubagem tenha sido concluído, SILVA (2000). Esse desenvolvimento baseia-se em treinamentos de qualificação e re-qualificação profissional; desenvolvimento pessoal e em alguns casos até mesmo o processo de alfabetização, LIANZA (1998) e MATOS (1999). O baixo nível de alfabetização e escolarização não é um problema exclusivo do Brasil, mas sim de todo o terceiro mundo, por isso, todo o trabalho realizado pelas universidades no sentido de resgatar a sociedade marginalizada é lento, árduo e muitas vezes injusto. Pode-se dizer que é necessária uma "paciência histórica" para que os cooperados não somente tenham um bom processo de aprendizagem como também desenvolvam um espírito democrático muito importante para o exercício pleno do objeto de seu negócio – o cooperativismo, LIANZA (1998), MATOS (1999) e SINGER (1999). Nas cooperativas em estudo, o aspecto escolaridade é bastante precário e isto influencia no entendimento de questões voltadas ao cooperativismo, bem como às relacionadas ao mundo do trabalho.

O processo de incubagem realizado pelas ITCPs deve seguir determinadas etapas para implantação que envolvem motivação e direcionamentos específicos, MANNHEIMER (1994). As etapas de implantação devem ser metodologicamente organizadas, com profissionais qualificados, com o objetivo de tornarem o processo mais facilmente realizado e eficaz em sua aplicação, ZAGOTTIS (1995). Com isso percebe-se a importância da comunidade acadêmica na sistematização da metodologia no processo de implantação, valendo-se de um ambiente multidisciplinar com capacidade tecnológica, capaz de congrega as diferentes áreas de conhecimento necessárias para a consecução do projeto, como também garantir sua continuidade e ampliação.

A incubadora passa por dois momentos distintos ao incubar uma cooperativa, SINGER (1999) e HOFFMANN (2000). Há o primeiro momento que é composto pela formação e/ou fortalecimento do grupo e também a execução do curso básico de conhecimentos sobre cooperativismo.

Essa parte do processo de incubagem é composta pelos seguintes itens:

- Articulação junto às comunidades visando identificação de lideranças, a divulgação das atividades concernentes à Incubadora de Cooperativas e a constituição dos grupos de interessados em criar cooperativas de serviços e de produtos;
- Transmissão dos princípios de cooperativismo a partir de curso estruturado para devida finalidade e adaptado ao público alvo.

Em um segundo momento do processo de incubagem, tem-se as seguintes atividades:

- Atividades concernentes à estruturação legal das cooperativas incubadas;
- Prospecção de atividades econômicas e trabalhos, estudo ou diagnóstico de viabilidade econômica identificadas como passíveis de serem desenvolvidas pelas cooperativas incubadas;
- Treinamento técnico da mão-de-obra concernente à atividade econômica para a qual as cooperativas incubadas estarão voltadas;
- Organização administrativa, contábil e jurídica das cooperativas incubadas;
- Acompanhamento de assistência técnica e administrativa dos trabalhos das cooperativas incubadas;
- Aprimoramento de metodologia de formação e de incubagem;
- Desenvolvimento de atividades de pesquisa acadêmica voltadas à temática de cooperativismo e ao desenvolvimento de ITCPs.

Na organização da estrutura de uma empresa incubada, os princípios da atividade fim devem ser respeitados; por isso algumas considerações devem ser abordadas, LIANZA (1998; p.27):

- “ A atividade fim: formação e fortalecimento de cooperativas, a inserção comunitária pautada na relação de compromisso; isso deve presidir a definição das estruturas;
- A gestão democrática deve ser o objetivo e o resultado dessas formas organizacionais; a solidariedade e a participação de seus membros deve ser estimulada e assegurada por espaços comunicativos que disponibilizem a todos as informações, condição necessária para a tomada de decisão coletiva e democrática;

- O caráter multidisciplinar exigido pelo cooperativismo (suas exigências de pesquisas) deve orientar a formulação das estruturas organizacionais;
- A concepção e definição de um processo permanente de formação, acompanhamento, avaliação e sistematização do processo de incubagem como um todo (o que envolve incubados e incubadores), deve orientar a criação dos espaços organizacionais e participativos”.

Algumas ITCPs têm se organizado sob a forma de núcleos de formação, planejamento econômico e gestão, buscando assim desenhos que realizem a interdisciplinaridade que é uma condição e consequência do desenvolvimento cooperativo, processo esse considerado um desafio que deve ser constantemente seguido, LIANZA (1998) e MATOS (1999). A questão da interdisciplinaridade tem sido foco de grande discussão junto aos membros da ITCP/UFPR pois as cooperativas incubadas são bastante complexas e necessitam de informações sobre diversas áreas simultaneamente.

2.8.1 – O processo de incubagem executado pela UFPR

O processo de incubagem é fundamental para que as cooperativas consigam desenvolver-se de forma eficiente e assim atinjam seus objetivos, SALCEDO (1999).

Realizado pela ITCP/UFPR, o processo de incubagem começa com um primeiro contato com as comunidades que, de alguma forma, já estão se organizando no sentido de estruturar uma atividade de trabalho, SALCEDO (1999). A articulação é realizada junto às comunidades: Clubes de Mães, associações de

moradores e de igrejas onde são verificadas as intenções do grupo quanto ao processo de organização de trabalho, visando a identificação de lideranças, divulgação das atividades concernentes à ITCP e constituição dos grupos de interessados em criar cooperativas de serviços e de produtos. Uma vez verificado que o grupo apresenta potencial e vontade de se organizar de forma mais sistematizada, a UFPR entra com um grupo multidisciplinar de professores, técnicos e estagiários realizando estudos e pesquisas para encontrar o objeto da cooperativa, isto é, qual será o ramo de atividade mais adequada para a comunidade. São analisados os níveis de escolaridade, aptidões profissionais, experiências laborais, entre outros fatores. Uma vez definido o ramo de atividade procura-se então qualificar, requalificar, habilitar os participantes da comunidade para que consigam executar as funções. Em paralelo ao processo de preparação para o exercício laboral são ministrados cursos sobre cidadania, princípios de cooperativismo, trabalho em grupo, noções de administração de negócios, orçamento pessoal, apresentação pessoal, alfabetização, entre outros relevantes ao desenvolvimento humano, POPP (anexo 1; p. 109).

Além do treinamento para os membros das comunidades incubadas há todo um suporte administrativo através de um escritório administrativo-contábil e assessoria jurídica, SALCEDO (1999), fornecido pela ITCP/UFPR. O sistema de incubagem também inclui dar o suporte devido e adequado para suas cooperativas, GUIMARÃES (1999). O apoio técnico/administrativo deve estar presente, bem como o treinamento adequado para que as cooperativas possam prosseguir suas atividades mesmo depois que o processo de incubagem tenha sido concluído, SILVA (2000), e assim mantenham-se em funcionamento.

A ITCP/UFPR não conseguiu ainda dar um suporte completo quanto ao processo de incubagem, pois, apresenta recursos escassos o funcionamento interno, tanto estrutural como técnico. Não apresenta recursos para a montagem de salas para reuniões e eventos, nem mesmo recursos tecnológicos adequados. Funciona com um quadro de colaboradores que muitas vezes não têm remuneração pelos serviços prestados; bem como os estagiários de cursos de nível superior da própria instituição. Mesmo com tantas adversidades, a ITCP/UFPR, apresentou êxitos em empreendimentos que já estão em pleno funcionamento, tal como o da Coopercamp de Curitiba que está em estudo, onde os cooperados já estão atuantes no mercado formal de trabalho.

Com toda esta situação posta, verifica-se que uma das grandes preocupações dos membros da ITCP/UFPR é o desenvolvimento desse projeto com eficácia, sem no entanto adotar uma postura paternalista, SALCEDO (1999), que poderia causar dependência e não atingir os objetivos almejados

2.9 – A UFPR e sua ITCP

A história da UFPR começa em 1892 quando Rocha Pombo, político, historiador, jornalista e professor, lança a pedra fundamental da instituição. No entanto as obras não foram adiante por causa do movimento federalista que ocorria naquele momento.

Em 1912 a elite intelectual do estado do Paraná era bastante reduzida e havia a necessidade de aumentá-la (Revista da UFPR – nº 5, 1999), então Victor

Ferreira do Amaral, que na época era político muito influente liderou a criação da universidade, sendo posteriormente seu primeiro reitor.

Em 1913 a UFPR a funcionar efetivamente, *a priori* como entidade particular, com os cursos de Engenharia, Ciências Jurídicas e Sociais, Medicina e Cirurgia, Comércio, Odontologia, Farmácia e Obstetrícia.

Com o início da Primeira Guerra Mundial ficou estabelecido o fechamento das universidades, por isso houve a necessidade de encontrar outras formas de funcionamento que pudessem garantir a preservação da instituição. A solução encontrada foi a divisão da universidade em faculdades. A junção das mesmas só ocorreu novamente na década de 50 formando assim a UFPR.

A composição da esfera administrativa e docente da UFPR é bastante grande, composta por pessoas das mais variadas formações e titulações, o que, conseqüentemente, faz com que haja um corpo multidisciplinar bastante eficiente. Assim, no desenvolvimento de projetos de ensino, pesquisa e extensão têm-se uma gama ampla de capital intelectual que em muito beneficia a instituição UFPR e à comunidade que dela se serve.

Dada a importância da UFPR no cenário brasileiro, no ano de 2000, foi escolhida e designada para ser a divulgadora e disseminadora sobre assuntos da cultura da paz. Com isso, verifica-se que a UFPR, tem desenvolvido com grande eficiência suas atividades de ensino, bem como as de pesquisa e extensão; além de divulgar e implantar propostas e projetos de alto cunho social, nas várias áreas em que atua.

O projeto da ITCP/UFPR, objeto deste estudo, está vinculado à pró-reitoria de Extensão e Cultura, administrada atualmente pela Professora Doutora Maria

José Justino. A vinculação direta da ITCP/UFPR à uma pró-reitoria traz benefícios ao desenvolvimento das atividades contidas nesse projeto, pois, conta com apoio direto de estâncias superiores da universidade. O objetivo maior desse projeto é uma aproximação efetiva da comunidade acadêmica com a sociedade de uma forma geral.

O projeto da ITCP/UFPR surgiu de um projeto antecessor chamado “Movimentos Sociais de Apoio à Cidadania”, cuja proposta principal era o de atuar junto à comunidades de baixa renda e com carência de informações. Com o andamento desse projeto verificou-se que os membros dessas comunidades apresentavam interesse em desenvolver atividades profissionais para ampliar seus rendimentos. Assim surgiu a idéia de implantar um tipo de projeto que pudesse auxiliar as comunidades a implantarem seus próprios negócios. Tendo conhecimento do processo de incubagem que estava sendo realizado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, a pró-reitora de Extensão e Cultura – Professora Maria José Justino, enviou equipe de professores e técnicos àquela universidade para verificarem “*in loco*” o funcionamento do projeto, (Informações obtidas através de relato oral do técnico administrativo Raimundo de Assis Ferreira). Com as informações obtidas e discussões sobre a viabilidade de implantação de uma incubadora na UFPR, decidiu-se pela implantação da mesma. As atividades da ITCP/UFPR começaram em 22 de março de 1999 em uma sala nas dependências do prédio central, sito à Praça Santos Andrade.

Atualmente, a ITCP/UFPR conta com um corpo técnico de 10 professores; 10 estagiários vindos de diversos cursos de nível superior; 10 bolsistas de

extensão; 6 técnicos administrativos, sendo 4 da ativa, isto é, pertencentes ao quadro efetivo e 2 técnicos seniores, que já estão aposentados.

Quanto às instalações físicas, estas foram ampliadas estando hoje em uma área de 130 metros quadrados, no mesmo prédio em que iniciou as atividades no ano de 1999.

A ITCP/UFPR tem (18) dezoito cooperativas incubadas correspondendo a 1193 (mil, cento e noventa e três) postos de trabalho criados. A qualificação ofertada ao público foi bastante ampla tendo sido ministrados 82 (oitenta e dois) cursos, atingindo 3750 (três mil, setecentos e cinqüenta) pessoas, perfazendo um total de 2694 (duas mil, seiscentos e noventa e quatro) horas, (Fonte: ITCP/UFPR).

2.9.1 – A comunidade CIC - Coopercamp

A comunidade CIC, objeto de estudo, no ano de 1999, era formada por uma equipe de ambos os gêneros. O número de membros ativos na cooperativa era de 42 (quarenta e dois), sendo que destes 41,60% são do gênero masculino e 58,14% são do feminino, SALCEDO (1999). A faixa etária dos indivíduos também é bastante variada, respeitando-se apenas o aspecto da maioridade, dezoito anos, para ser incluso como um cooperado. Dos 42 (quarenta e dois) membros da Coopercamp, 12,50% estão na faixa etária que vai de vinte a trinta anos; dos trinta e um aos quarenta anos tem-se 37,50%, onde há uma concentração percentual maior com relação às demais e onde verifica-se que o indivíduo está em sua fase

mais produtiva. Na faixa etária compreendida entre quarenta e um a cinquenta anos tem-se o percentual de 17% e este mesmo percentual repete-se na faixa acima de cinquenta e um anos; ainda dos membros da cooperativa 16% não informaram sua idade.

Outro aspecto bastante importante a ser salientado é o grau de escolaridade dos cooperados. Intitularam-se analfabetos 2,4%; com ensino fundamental incompleto tem-se a maior porcentagem, 45,2%; com ensino fundamental completo apresentam-se 31% dos indivíduos; com curso médio temos 21,4% e com ensino superior não há nenhum indivíduo. Muitos dos indivíduos que informaram serem alfabetizados; eles apenas reconhecem algumas letras e assinam o nome, no entanto não possuem domínio sobre a linguagem escrita, SAVIANI (1988) e ROHDEN (1997). Por apresentarem tão baixo aspecto de escolaridade e qualificação fica bastante difícil a inserção no mercado de trabalho formal. Os membros da cooperativa são provenientes de diversas áreas profissionais, porém atualmente estavam sendo participantes da economia informal como vendedores, diaristas, jardineiros, cuidadores de crianças e idosos, entre outros. Por causa da baixa escolaridade apresentada por esta comunidade é que se optou por um ramo de atividade mais simples, onde o treinamento prático pode suprir o teórico. Por este motivo é que optaram por trabalhar na área de prestação de serviços de limpeza hospitalar e predial, AMARAL e OUYAMA (2000), por considerarem uma atividade próxima às suas realidades. Também é importante lembrar que a necessidade de pessoas capacitadas para a execução de limpeza hospitalar tem aumentado significativamente em Curitiba e região metropolitana.

Dos membros totais da cooperativa, 35,6% (a maioria) dos participantes são moradores do Jardim Venízia, sendo que os demais moram nas proximidades: Vila Conquista, Vila Jacira, Vila Luana, Vila Nossa Senhora Aparecida, Jardim Eldorado, Jardim Santa Rita, Vila Modelo, Vila Verde e Jardim Oswaldo Cruz, SALCEDO (1999).

2.9.2 – A comunidade de pescadores de Antonina - Serramar

A comunidade de Antonina é composta por é composta por vinte indivíduos de ambos os gêneros, que possuem uma atividade profissional definida. Esses indivíduos são: pescadores, tiradores, descarnadores e limpadores de siri e demais mariscos, POPP (Anexo 1; p.109).

Quanto às questões de gênero, 65% dos cooperados são do gênero e feminino e os 35% restantes são do gênero masculino, SALCEDO (1999), observa-se então que a maior concentração está em pessoas que trabalham em terra, pois a atividade de pesca é desenvolvida apenas por homens.

A faixa etária dos cooperados é bastante ampla, cuja concentração maior de indivíduos está entre quarenta e quarenta e nove anos, representado: 40%. Na faixa etária de vinte a vinte e nove anos estão inseridos 10% dos cooperados; ente trinta e trinta e nove anos tem-se 30% dos cooperados; entre cinquenta e cinquenta e nove anos, 15% e, com mais de sessenta anos tem-se 5%, SALCEDO (1999).

O nível de escolaridade é baixo. Dos membros da cooperativa 25% são analfabetos, e, entre os que não se delegaram analfabetos, percebeu-se que

apresentavam analfabetismo funcional, SAVIANI (1988) e SALCEDO (1999), isto é, sabem apenas ler ou escrever, mas não ambas as coisas, ou ainda escrevem seus nomes e reconhecem algumas letras. Com ensino fundamental incompleto tem-se 30%; com ensino fundamental completo, 15%; cm ensino médio incompleto, 20% e os 10% restantes apresentam curso de ensino médio completo. Alegaram que estudaram pouco porque a atividade de pesca inicia antes do nascer do sol. Desta forma não podem estudarem no período diurno porque tem que trabalhar nem no período noturno pois precisam descansar do árduo trabalho.

O objetivo de se criar uma organização de trabalho coletiva surgiu da necessidade de fugir dos atravessadores e, conseqüentemente, obter maior lucro. As famílias dos participantes da cooperativa são numerosas, sendo que os filhos pequenos e demais membros agregados auxiliam na coleta de siris e mariscos, bem como na limpeza e comercialização dos mesmos.

Por já possuírem um ramo de atividade previamente definido o processo de incubagem é bastante facilitado. Há também apoio por parte da prefeitura Municipal de Antonina, cedendo espaço físico para a instalação de uma cozinha para processamento da carne dos mariscos e terreno, próximo ao ponto de pesca, para a construção da sede da cooperativa.

3 - METODOLOGIA

3.1 – A base científica da pesquisa

Inicialmente será dada uma contextualização filosófica sobre os métodos de pesquisa, e, posteriormente serão expostas as técnicas utilizadas para a realização deste estudo. Ainda que, muitas pessoas não acreditem na validade de reflexões filosóficas e as julguem controversas, MOSER (2000).

Tomando-se inicialmente a questão filosófica pode ser argumentado que todo ser humano, independentemente, de sua história de vida, do meio cultural e social do qual participa, é dotado de uma visão particular de mundo, isto é, sua subjetividade. A expressão dessa subjetividade se dá em seu encontro com outras subjetividades. Na verdade, cada cultura construiu independentemente sua própria visão de mundo. Assim, os traços culturais vão além das subjetividades e se fazem através das relações que se constroem nos contatos entre seus participantes.

Também é importante entender as questões individuais e grupais que permeiam as relações nas comunidades em estudo. Reportando-se a OLSON (1999) entende que, “a dificuldade de analisar a relação entre o tamanho do grupo e o comportamento do indivíduo no grupo se deve em parte ao fato de que cada indivíduo em determinado grupo pode conferir um valor diferente ao benefício público almejado por seu grupo”. Pautando-se nessa idéia pode-se dizer que nas comunidades em estudo há interesses conflitantes, motivados por esse entendimento um tanto quanto distorcido dos fatos e dos objetivos a que se propõem uma cooperativa.

Deste modo pode-se afirmar que a visão de mundo de uma sociedade ou cultura é o conjunto de entendimentos, significados, símbolos acerca da realidade compartilhada por seus participantes. Tal construção tem registro ou não, pode vir a ter tal registro ou não, pode ser consciente ou inconsciente, mas certamente se expressa nas atitudes dos que dela participam, a tal visão de mundo dá-se o nome de paradigma. Mesmo tendo o termo paradigma recebido uma conotação simplória e muito usual na década de 90, para este estudo, o referido termo apresenta um caráter sócio-epistêmico, MOREIRA (1996; p. ____):

“ Um paradigma é uma visão de mundo, uma perspectiva geral, uma maneira de analisar a complexidade do mundo real. Como tal os paradigmas estão profundamente embutidos na socialização de seus praticantes. Os paradigmas nos dizem o que é importante, legítimo e razoável. Os paradigmas também são normativos, dizendo o que fazer sem a necessidade de longas considerações existenciais ou epistemológicas. ”.

Tal visão de mundo se coloca de modo restrito em muitos casos, mas quando seu nível de compartilhamento é amplo tende a ser generalizante. Todavia, sempre normatizando, legitimando, explicando e justificando as atitudes dos que lhe compartilham. Se um número expressivo de indivíduos comunga de uma mesma visão de mundo então tal paradigma tem uma grande amplitude. Por outro lado, se a comunidade dos que compartilham um paradigma é numericamente minoritária, este paradigma torna-se restrito.

O paradigma é restrito quando se relaciona a atividades ou grupos a específicos. Semelhantemente, o paradigma é amplo quando diz respeito a atitudes ou percepções dos grandes grupos que comungam a mesma idéia.

Quando um paradigma é amplo, então há um grande número de indivíduos que dele compartilham; podem ser tanto uma sociedade cultural ou um conjunto de indivíduos que em um determinado sentido compactuam com este. Todavia, não há paradigma único, pois em sociedade há paradigmas restritos que convivem entre si harmonicamente ou não. Para ALMOND e BINGHAM (1972; p. 48) uma sociedade ou um grupo podem “desenvolver aptidões para interação humana e participação na adição coletiva de decisões”, portanto, verifica-se que, para um estudo, tal como este que se apresenta, é importante ter um olhar observador que vá além da lógica a qual os indivíduos estão condicionados.

A sociedade dos que se dedicam a investigar o mundo da vida, ou a natureza, ou o ser humano também construiu historicamente uma visão de mundo. Tal sociedade, por acreditar em critérios lógicos e principalmente não dogmáticos, bem como no bom senso empírico. Outra característica desta sociedade é a sistematização de todo o conhecimento que constrói, mesmo que não tenha plena conscientização de tal ato e isso é bastante evidente nas comunidade em estudo.

De fato, o compartilhar de entendimentos sobre o real constitui-se no fundamento do que venha a ser paradigma. JAPIASSÚ & MARCONDES (1991; p. 189) sobre o termo paradigma contribuem para o entendimento de tal proposta nos seguintes termos, sendo que as idéias contidas entre as aspas são citações que os autores fazem do filósofo Thomas Kunh:

“O filósofo Thomas Kunh utiliza o termo em sua análise do processo de formação e transformação das teorias científicas – da “revolução” na ciência – considerando que “alguns exemplos aceitos na prática científica real – exemplos que incluem, ao mesmo tempo, lei, teoria, aplicação e instrumentação – proporcionam modelos dos quais surgem as tradições coerentes e específicas da pesquisa científica” (A

estrutura das revoluções científicas). Esses modelos são os paradigmas, podendo ser tomados como exemplos a astronomia copernicana, a mecânica de Galileu, a mecânica quântica, etc. Assim, “um paradigma é aquilo que os membros de uma comunidade partilham e, inversamente, uma comunidade científica consiste em indivíduos que partilham um paradigma” (id.). ”

A comunidade científica é unânime quanto a compartilhar da lógica, da não dogmatização e o do bom senso empírico, além da sistematização do conhecimento. Historicamente, porém, dois grandes paradigmas têm dado sustentação à ação científica: o Positivista e o Idealista ou Interpretativo.

Quanto ao Paradigma Positivista e seu fundamento epistemológico CHIZZOTTI (1991; p. 12 e 13) afirma de modo a resumir seu posicionamento:

“ Em suma, esse paradigma tem como postulado a existência de objetos fora da consciência e independente dela. O resumo desses objetos constitui a natureza ou o mundo exterior que existe em si, e se impõe como uma evidência que reconhece a supremacia do mundo objetivo. O sujeito (consciência) é um receptáculo que recolhe as impressões gravadas pela natureza exterior”.

De fato, o Paradigma Positivista é tal que entende que a mente humana não é capaz de ir além do que lhe é exterior, concebendo que para que o homem se conheça deve se enxergar “fora de si”, como um objeto externo a si mesmo. A ação desideologizada, o apreço pela isenção política, a imparcialidade do pesquisador são pontos chave da proposta positivista. A fragmentação e o desmantelamento da inteireza da realidade igualmente se colocam como altamente desejáveis na construção do conhecimento nos moldes do positivismo. A multidisciplinaridade forma o conjunto da ciência, onde a visão do particular é totalmente independente do todo no qual se insere.

Tal paradigma se apoia nos posicionamentos de pesquisadores tais como Comte (1786 – 1857) quanto a investigações de fato de cunho social e Stuart Mill (1806 – 1873) quanto à pesquisa no campo psicológico. Todavia, é na matematização de Cartesius e Galileu (1596 – 1650), no método empirista de Francis Bacon (1561 – 1626), na física de Newton (1647 – 1727) e nos materialistas do século XVIII é que o Paradigma Positivista vai encontrar sua bases fundamentais.

O Positivismo não é bom ou mau, é antes o fruto histórico das ações dos que lhe construíram e dos que ainda hoje o sustentam como única forma de explicar a realidade, dos que se radicalizam em colocar o objeto externa e totalmente independente da consciência. Fruto daqueles que ainda hoje procuram desenvolver uma ciência normativa e explicativa da realidade, em que o conhecimento esteja reduzido à expressão bem formalizada do mundo. Daqueles que não percebem que o agir científico não pode ser a rigor neutro, porque intencional, daqueles que crêem que tudo à volta pode e deve ser quantificado e matematizado.

O Positivismo se equivoca ao estancar o conhecimento em compartimentos que não se comunicam entre si; distanciando a ciências naturais das sociais, afastando o mundo da vida do mundo do conhecimento sistematizado, matando a criatividade através de regras de validação quantificáveis, negando qualquer outra forma de se investigar o mundo a não ser a positivista, etc. O Positivismo incorre em erro ao tornar o gênero humano um objeto, ao reificar o homem e as instrumentalizar as relações humanas.

Em contraposição ao Positivismo, encontra-se o Paradigma Interpretativo ou Idealista. Este paradigma, diferentemente do anterior, aponta que o que dá significado ao mundo é a consciência da realidade. A subjetividade, passa, pois, a ter um peso de importância que o Positivismo lhe nega. A ciência, dentro deste paradigma, visa mais a entender a realidade que normatizá-la, procura mais compreender que explicar o entorno. Tal paradigma permite o olhar reflexivo consciente que nunca isenta da própria história de vida e da carga histórica que se herda.

O Paradigma Interpretativo, todavia, não é uniforme tal como o Positivismo. Ao contrário, consegue congrega em torno desta perspectiva, da relevância da subjetividade, correntes as mais dispares, de tal modo que este paradigma é conhecido também pelo nome de algumas de suas correntes: Fenomenológico, Interpretativista, Qualitativo, etc... MOREIRA (1996) e CHIZZOTTI (1991), o primeiro claramente Interpretativo e o segundo reconhecidamente positivista, corroboram tal afirmação.

A mais recente corrente, calcada na tradição dialética, é a Comunicativa; advinda dos trabalhos filosófico-sociológicos dos participantes da Escola de *Frankfurt*, como Adorno, Marcuse, Horkheimer e especialmente dos trabalhos de Jürgen Habermas. Tal corrente pressupõe não a primazia da subjetividade, mas identifica no ato comunicativo o cerne da razão científica. Não é mais o objeto quem determina o sujeito nem o contrário, mas da interação entre ambos, do diálogo que estabeleçam é que a verdade surge. Não uma verdade filosófica absoluta, mas uma verdade consensual que se altera dinamicamente no tempo mesmo porque os que dela compartilham também se alteram.

Deveras tal corrente tem se desenvolvido ao ponto paradigmático, enraizando-se na Teoria Crítica; a qual se inicia em 1937 com a publicação de “Teoria Tradicional e Teoria Crítica” de Horkheimer. Sobre a perspectiva paradigmática do pensamento crítico AMMANN (1987; p. 37) aponta que:

“Os representantes do pensamento crítico refutam aquilo que eles chamam de “teoria tradicional” fundada por Descartes, que (simplesmente) gerencia as ciências especializadas e organiza a experiência baseada em questionamentos relativamente à reprodução da vida dentro da sociedade atual. Os sistemas de disciplinas contêm conhecimentos aplicáveis ao maior número possível de casos. A gênese social dos problemas, as situações reais nas quais a ciência é aplicada, os fins para os quais ela é utilizada, lhe são exteriores”

Os pensadores da Teoria Crítica vêem a Ciência e a Técnica como uma função primordial maior do que o simples acúmulo de conhecimentos, visam a emancipação do homem. Sobre este postulado, a emancipação do gênero humano, é que o paradigma Comunicativo, também conhecido com Interpretativo ou Idealista, se erige.

Ressalta-se que o trabalho construído por Jürgen Habermas tem construído tem dado impulso a esta visão de mundo. Sua Teoria da Ação Comunicativa, sua ética da reciprocidade, sua luta contra as perversidades do mundo do sistema em favor do mundo da vida, seu alerta contra a tecnologia instrumentalizante propiciam um arcabouço teórico que permite uma reflexão sobre o contexto e a realidade atual.

Cabe ressaltar que HABERMAS (1994) apresenta de forma bastante clara a crise do Positivismo, do qual já foram tecidos comentários que apontam algumas de suas deficiências; e apontam igualmente a necessidade do uso de uma

“psicanálise“ social que passa pelo escrutínio das razões da sociedade em que todos os seus participantes possam participar, igualmente, por extensão, da sociedade científica.

Só se interpreta a partir de um ato comunicativo que se realiza a cada leitura, portanto a base de tal metodologia é o diálogo. Interpreta-se indo além de um texto, de uma palavra já existente e por isso estabelece-se um vínculo com o autor da idéia que se quer interpretar, no intuito de estabelecer mais do que foi registrado e que se encontra nas entrelinhas. Nesse sentido THOMPSON (1995; p. 45), argumenta “ que não podemos conhecer as coisas em si mesmas, mas apenas as idéias formadas pelas sensações que temos delas”, assim, tem-se um ato comunicativo entre pesquisador e pesquisados.

O fazer-se da hermenêutica é realizar um ato comunicativo. DEMO (1989; p. 249) da vazão a tal posicionamento nestes termos:

“Podemos dizer que a hermenêutica é a metodologia da interpretação, ou seja, dirige-se a compreender formas e conteúdos da comunicação humana, em toda a sua complexidade e simplicidade. O intérprete é sempre alguém dotado de bagagem prévia, porque ninguém consegue compreender a comunicação sem deter algum contexto relativo a ela, sem sentido prévio. O mínimo será a capacidade de se colocar no mesmo diapasão do comunicador, pelo que não pode haver sujeito e objeto. É diálogo no sentido mais legítimo do termo. Em qualquer interpretação pode-se interpretar mal, pode-se deturpar, pode-se mesmo inventar, porque o ponto de partida é este: se a comunicação fosse totalmente interpretada, em completa fidedignidade, não teríamos necessidade da ciência”

A hermenêutica também é o exercício de se estabelecer uma interlocução. Mesmo por que a comunicação não se estabelece de uma forma única, mas multivariada. Especificamente neste trabalho, onde a fonte de pesquisa não é

somente a bibliográfica; houveram várias formas de comunicação, tais como, a forma escrita através das respostas dos questionários, a comunicação oral realizada nas entrevistas, na observação não-participante, no perceber os indivíduos, no perceber-se enquanto pesquisadora, etc. Essas formas de comunicação foram muito ricas no sentido de serem expressos e registrados movimentos bem como, posturas sociais, que, em apenas um tipo de linguagem, não seriam detectados.

A hermenêutica, posta deste modo, busca de fato o mundo da vida e integra a este o mundo do conhecimento sistematizado, porque deste faz uso. Assim é que o papel do pesquisador, do hermeneuta, é o de exercer, interpretando e buscando a realidade, a possibilidade de contribuir o conhecimento científico; conforme MORAES (2000, p. 3): “De certo, o papel do pesquisador é o de lançar um olhar diferenciado sobre a realidade, sobre a vida; indo do senso comum à estruturação sistematizada do conhecimento”.

Pode-se argumentar que esta pesquisa também foi orientada pela pesquisa-ação que consiste, THIOLENT (1997; p. 19), em “uma pesquisa cuja finalidade consiste em esclarecer os objetivos, as implicações da ação ou as condições de mobilização requeridas para o êxito dessa ação”. A pesquisa-ação pode ser aplicada em todo e qualquer tipo de organização que seja composta por grupos sociais que estejam estruturados ou em fase de estruturação e que possuam objetivos definidos. Para THIOLENT (1997; p. 13), as “empresas de produção de serviços, administrações públicas, centros de pesquisa científica ou tecnológica, associações profissionais ou sindicatos; entre outras entidades”, são as organizações onde a pesquisa-ação pode ser aplicada com grande eficiência.

Levando-se em consideração as organizações em estudo, verificou-se que a pesquisa-ação pode ser aplicada de forma satisfatória.

A opção por várias técnicas de pesquisa foi importante porque, por ser um estudo de casos procurou-se otimizar as atividades e encontrar informações mais próximas o possível da vida real das comunidades em estudo, bem como a de seus membros.

Optou-se, todavia, por um estudo de caso realizado na UFPR e em comunidades incubadas em Curitiba e Antonina, calcando-se em GODOY (1995, p. 25):

“O estudo de caso tem-se tornado a estratégia preferida quando os pesquisadores procuram responder como e por que certos fenômenos ocorrem, quando há pouca possibilidade de controle sobre os eventos estudados e quando o foco de interesse é sobre fenômenos atuais, que só poderão ser analisados dentro de um contexto de vida real. O estudo de caso se caracteriza como um tipo de pesquisa, cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Visa ao exame detalhado de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma situação em particular”

Para YIN (1989, p. 23), o estudo de caso “é uma forma de se fazer pesquisa empírica que investiga fenômenos contemporâneos, dentro de seu contexto de vida real, em situações em que as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não estão claramente estabelecidas, onde se utiliza múltiplas fontes de evidência.”

Um estudo de caso apresenta cunho científico somente quando integrado em sistema global de pesquisa, BRUYNE (1991). Assim não há negligência de críticas que possam ser tecidas quando há aspectos epistemológicos dos problemas e dos conceitos. Ainda, em um estudo de caso podem aparecer

relações que dificilmente seriam foco de observação e visualização de outra maneira, FACHIN (1993), assim, a descrição e a compreensão dos fatos e das relações são melhores estudadas.

Para execução desta pesquisa também foi utilizada a pesquisa qualitativa que segundo TRIVIÑOS (1987, p. 128) possui as seguintes características:

- “ tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento- chave;
- é descritiva;
- mantém o pesquisador preocupado com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto;
- os dados tendem a ser analisados indutivamente;
- o significado é a preocupação essencial desta abordagem.”

Como fontes primárias de coleta de dados foi aplicada entrevista semi-estruturada com a dirigente da ITCP/UFPR e aplicação de questionário aos membros das cooperativas incubadas. Como fonte de coleta secundária foram utilizados os processos de verificação de acervos realizada através de registros, documentos, relatórios, jornais, periódicos em geral. Essa coleta ocorreu tanto na ITCP/UFPR como também nas comunidades onde foram ou estão sendo realizados os processos de incubagem.

Quanto à análise dos dados pode-se dizer que estes serão analisados de forma descritivo-qualitativa; o que para RICHARDSON (1989, p. 39) significa:

“descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.”

Para serem analisados os dados primários foi utilizada a técnica de análise de conteúdo. A técnica de análise de conteúdo é considerada por BARDIN (1979; p.42), como:

“...um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores, quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.”

Assim, associando a proposta de BARDIN (1979), que argumenta a análise das comunicações, como também a teoria da ação comunicativa constatou-se que houve uma forma eficaz de interpretação das informações obtidas nas pesquisas realizadas tanto na ITCP/UFPR, bem como nas cooperativas em estudo.

Quanto aos dados secundários pode ser dito que estes receberam um tratamento através da técnica de análise documental, que para BARDIN (1979; p. 45) é “uma operação ou um conjunto de operações representando o conteúdo de um documento sob uma forma diferente da original, a fim de facilitar, num estado ulterior, a sua consulta e referência.”

Apresentada a metodologia e as técnicas de pesquisa, passamos à apresentação formal do problema de pesquisa e às perguntas motivadoras, conforme seguem.

3.2 – Especificação do problema de pesquisa

3.2.1 – Perguntas de pesquisa

O trabalho apresenta uma pergunta central de pesquisa, sendo que desta, derivaram-se outras perguntas abaixo relacionadas:

- Como se dá o processo de incubagem de cooperativas populares?
- Quais procedimentos da ITCP/UFPR que influenciaram no desenvolvimento das relações sociais das comunidades em estudo?
- Quais procedimentos da ITCP/UFPR que influenciaram no processo de organização do trabalho das comunidades em estudo?
- Que resultados podem ser verificados nas comunidades em estudo, após o processo de incubagem, com relação ao desenvolvimento das relações sociais e de organização para o trabalho?

3.3 – Definição das variáveis

Neste trabalho foram definidas e analisadas as variáveis dependentes e independentes. De fato, dentro da perspectiva da metodologia e da técnica de

pesquisa apresentadas anteriormente, ressalta-se que as variáveis são de livre escolha para quem realiza a pesquisa; pois, crê-se que estas possibilitem mais fortemente alcançar-se os objetivos que se propuseram.

Todavia, o termo variável pode ser considerado um conceito ou um *constructo*, conforme KERLINGER (1979); e como tal há um grande número de possibilidades de variáveis que poderiam ser enumeradas. Ressalta-se novamente que as que aqui são abordadas surgiram da experiência pessoal hermenêutica da pesquisadora como as mais adequadas.

Com relação às definições pode-se dizer que existem dois tipos: a constitutiva e a operacional. Por certo que ambas se correlacionam em uma cadeia de relações e de pertinência; isto é, a variável operacional se correlaciona com proximidade à constitutiva a partir do exame científico dos dados. E, se dada a variável constitutiva, então a operacional pertence à mesma linha de proposição baseando-se na verificação do objeto real de pesquisa.

E mercê da necessidade de apontamentos claros, cabe explicitar-se a definição constitutiva que realiza uma explicação de palavras por meio de palavras. Para RUIZ (1993; p. 46), “definições constitutivas são definições de dicionário e, naturalmente, são usadas por todo mundo, inclusive pelos cientistas”, assim, as definições aqui apresentadas são extraídas de autores que compõem a base teórica.

A definição operacional designa um significado a uma variável ou *constructo*, expressando as atividades ou métodos utilizados para sua aferição ou manipulação da mesma. Assim, como possibilitou-se uma definição clara para variável constitutiva; do mesmo modo opta-se por explicitar-se uma também para a

variável operacional. Faz-se uso pois, pela concordância com seu posicionamento, de RUIZ (1993; p. 46), para quem: “... as definições operacionais surgiram de um novo modo de pensar: em vez de pensar apenas constitutivamente, os cientistas também pensam operacionalmente. Uma definição operacional é uma ponte entre os conceitos e as observações”.

Assim, baseando-se nesse entendimento, passa-se a expressar as variáveis que possibilitaram o desenvolvimento deste trabalho; com base nas pesquisas realizadas durante este estudo. Entretanto, há que se ponderar que as variáveis podem guardar uma relação íntima de dependência, da qual passa-se a discorrer.

3.3.1 – Variáveis independentes

A relação de dependência entre variáveis se dá pela perspectiva da causalidade; isto é, para dada mudança em uma variável então a outra se altera segundo uma regra de proporcionalidade. De fato, a perspectiva se dá de modo que pode ser exemplificado pela matemática das funções; onde uma variável pode se modificar inversa ou diretamente à magnitude da variação de uma outra, a independente.

Para se estabelecer a relação de dependência entre variáveis é comum apresentar uma como dependente e outra como independente. Entende-se, em concordância com KERLINGER (1979; p. 24), que variável independente seja “uma

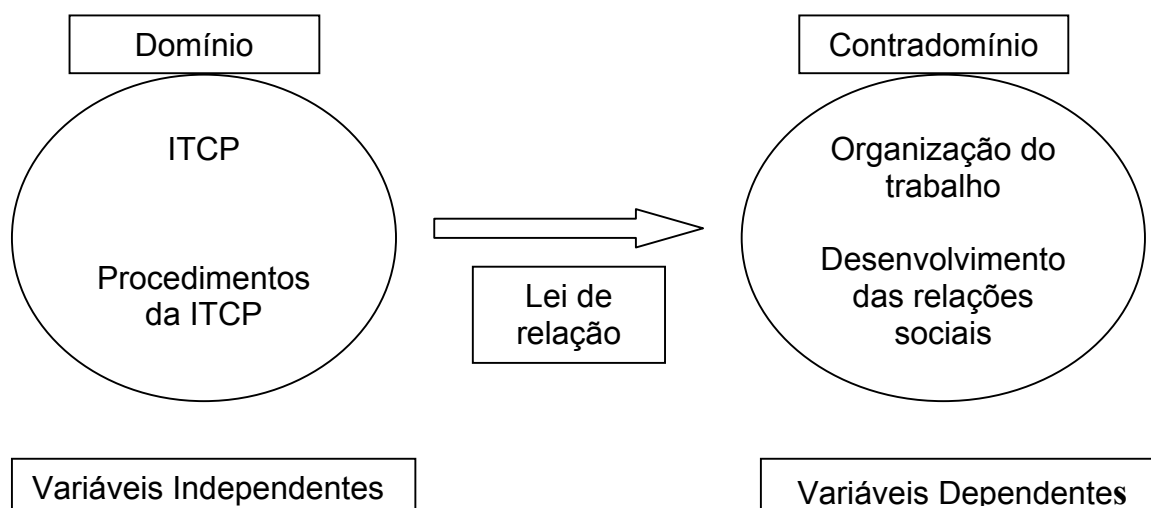
variável que se supõe influenciar outra” e tem como caráter, em uma pesquisa, ser antecedente.

Assim, pode-se esquematizar a relação entre variáveis por meio de uma figura explicativa que a represente. Neste esquema há um espaço, conhecido em matemática normalmente por domínio, onde cabe colocar as variáveis independentes. Há outro espaço onde se encontram as variáveis dependentes, em matemática seria o contradomínio. A relação funcional é apresentada por uma seta que correlaciona os dois espaços, tal seta sugere a relação entre causa e efeito. Isto é, dada uma alteração nas variáveis independentes há uma variação nas dependentes mediada pelo modo com que se relacionam.

A seguir, apresenta-se tal esquema por meio da figura 1.

Figura 1:

Esquema representativo da relação entre variáveis



Neste trabalho apresentam-se como variáveis independentes; a qual define-se constitutivamente e operacionalmente a seguir:

- Incubadora Tecnológica:

D.C.: As incubadoras tecnológicas são, por definição ampla, um arranjo interinstitucional com instalações e infra-estrutura física e administrativa apropriadas, estruturado para estimular e facilitar a constituição e consolidação de empresas cooperativas ou não, VIEIRA (1996) e SINGER (1999).

D.O.: Essa variável foi operacionalizada através de observação não-participante nas dependências da ITCP/ UFPR, com o objetivo de verificar se esta apresentava infra-estrutura adequada física e administrativa adequada para o desenvolvimento das atividades de incubagem para as cooperativas. Outra forma de operacionalização desta variável foi a leitura de fichas cadastrais de pessoal técnico administrativo, docentes, estagiários e demais colaboradores para a verificação da qualificação dos mesmos para exercerem atividades concernentes ao processo de incubagem a que se propõe a ITCP.

- Procedimentos da ITCP/UFPR:

D.C.: Procedimentos para FERREIRA (2000; p. 556), “são posturas, procedimentos ou atitudes que auxiliem em um determinado processo ou situação...”; assim tem-se

nas citações de MEDEIROS (1998; p.13) as melhores definições que se apresentam a seguir: ” ... uma ITCP deve oferecer infra-estrutura física; apoiar técnica e gerencialmente as empresas; acelerar a consolidação das empresas incubadas; fortalecer a capacitação empreendedora dos membros das cooperativas; buscar novos apoios e parcerias às empresas incubadas; divulgar as empresas incubadas e ainda participar da Rede Universitária”.

D.O.: Essa variável foi operacionalizada através de observação não-participante nas dependências da ITCP/UFPR, com o objetivo de verificar se esta apresentava infra-estrutura adequada física e administrativa adequada para o desenvolvimento das atividades de incubagem para as cooperativas. Outra forma de operacionalização desta variável foi a leitura de fichas cadastrais de pessoal técnico administrativo, docentes, estagiários e demais colaboradores para a verificação da qualificação dos mesmos para exercerem atividades concernentes ao processo de incubagem a que se propõe a ITCP. Também foi operacionalizada através de verificação de procedimentos documentados: atas de reuniões, ofícios e demais documentos pertinentes ao assunto em estudo. Outra forma de aferição se deu pela entrevista realizada com a dirigente da ITCP/UFPR, professora Marlene Popp, bem como em observações realizadas na ITCP (nas reuniões de serviços) e em visitas às comunidades incubadas em estudo. Todas as técnicas utilizadas tiveram o objetivo de verificar se as estruturas física e de recursos humanos eram compatíveis para a execução de atividades de incubagem de um cooperativa.

3.3.2 – Variáveis dependentes

Semelhantemente ao exposto anteriormente, a variável dependente é a que se altera pela modificação da primeira; isto é, a que se altera pela modificação da primeira, a independente. Por certo, a variável dependente é aquela que se modifica em função, fazendo-se novamente uso de uma linguagem matemática, da diferenciação da independente. Em concordância com KERLINGER (1979), entende-se como variável dependente, em uma pesquisa, aquela que é conseqüente, e que depende de outra; todavia em ciências sociais não é comum descrever-se matematicamente a relação de dependência entre variáveis.

Neste trabalho constituem-se como variáveis dependentes: o desenvolvimento das relações sociais e a organização do trabalho. De fato, à semelhança do que foi realizado com as variáveis independentes, passa-se a apresentar definições constitutivas e operacionais para as variáveis dependentes; conforme segue:

- Desenvolvimento das relações sociais:

D.C.: O desenvolvimento para FERREIRA (2000) é o processo de crescimento e progressão de alguém ou de alguma coisa, seja no sentido material seja no intelectual. As relações sociais, SINGER (1999), são as interações de pessoas e/ou grupos distintos, com o intuito de uma melhor sociabilização. Portanto, o desenvolvimento das relações sociais é o crescimento das interações dos indivíduos na busca de uma sociabilização mais adequada.

D.O.: Esta variável foi operacionalizada através de relatos verbais coletados através de observações não participantes em reuniões e treinamentos fornecidos pelo pessoal de ITCP/UFPR às comunidades incubadas em estudo. Também foi utilizado o questionário como fonte coletora de informações, bem como a entrevista realizada com a dirigente da ITCP/UFPR. O objetivo desta operacionalização foi a verificar se houve ou não um desenvolvimento das relações sociais nas cooperativas em estudo.

- A organização do trabalho:

D.C .: A organização do trabalho é a segunda variável dependente. Para HARMANN e HORMANN (1990) a palavra trabalho tem vários significados, como: a atividade que se destina ao desenvolvimento físico, artístico, intelectual e emocional dos indivíduos. Na concepção de AZNAR (1995; p. 39) entende-se a organização laboral como “um conjunto de relações sociais de trabalho onde há participação coletiva na inovação e na resolução de problemas na gestão da produção e onde o processo produtivo é baseado no trabalho em grupo”. Para BASTOS (1998; P. 18) “ a atividade do trabalho significa, através da história, o laboratório em que o homem construiu sua evolução interagindo com a natureza. As relações do trabalho com a natureza atuam de tal forma que modificam e transformam o próprio homem”.

D.O.: Esta variável foi operacionalizada através de relatos verbais coletados através de observações não participantes em reuniões e treinamentos fornecidos pelo pessoal de ITCP/UFPR às comunidades incubadas em estudo. Também foi utilizado o questionário como fonte coletora de informações, bem como a entrevista realizada com a dirigente da ITCP/UFPR. O objetivo desta operacionalização foi a verificar se houve ou não uma intensificação nos processos de organização do trabalho nas cooperativas em estudo.

3.4 – Delimitação e *design* da pesquisa

O presente estudo foi delimitado por um estudo de caso na ITCP/UFPR, que investigou duas cooperativas que sofreram processo de incubagem: Serramar e Coopercamp. Optou-se por um estudo de caso através deste método de pesquisa podem ser identificados fenômenos contemporâneos, dentro de seu contexto de vida real onde são utilizadas múltiplas fontes de evidência, YIN (1989). O estudo aconteceu entre os anos de 1999-2001, fato este que o caracteriza como **longitudinal**, isto é, recebeu um acompanhamento ao decorrer do tempo, o que muito contribuiu para o desenvolvimento e para a conclusão da pesquisa.

3.4.1 – População e amostra

A população pesquisada é composta pelos membros da ITCP/UFPR: dez professores e seis técnicos administrativos e pelas dezoito cooperativas que já sofreram processo de incubagem.

A amostragem foi intencional, isto é, houve interesse em selecionar como amostra da pesquisa a dirigente da ITCP/UFPR, professora doutora Marlene Popp, por ser a pessoa mais envolvida nas atividades e com mais informações sobre o processo de incubagem e sobre as comunidades. Com relação à amostra das comunidades, esta se deu, pelo fato das comunidades serem as mais antigas a sofrerem o processo de incubagem e também por estarem devidamente regulamentadas e em funcionamento. Um dos motivos da escolha é que as comunidades são de ramos de atividade completamente diferentes um do outro, uma é prestadora de serviços na área de limpeza e outra na área de pesca e processamento de peixes e mariscos. O fato de estarem geograficamente distantes também foi um dos pontos relevantes para a escolha da amostra, pois a intenção é verificar a receptividade diferente para situações parcialmente iguais.

3.4.2 – Delineamento de pesquisa

Entendeu-se que não existia somente uma forma considerada como a mais apropriada para alcançar o objetivo desta pesquisa; todavia, executaram-se as consideradas mais apropriadas. Em particular, a opção pelo estudo de caso

possibilitou a comparação das atuações em tempos e espaços diferenciados, evidenciando minúcias e pontos comuns nos espaços de pesquisa.

O estudo comparativo de casos é um procedimento bastante interessante por estabelecer relações facilmente identificáveis e por perceber que sempre há comparações entre organizações mesmo quando estas possuem características diferenciadas; Blau (1971) corrobora este posicionamento. As cooperativas em estudo (uma de pescadores e outra de prestação de serviços na área de limpeza e vigilância) se constituíram em campos privilegiados para o desenvolvimento desta perspectiva de trabalho.

Durante o desenvolvimento do trabalho, o processo metodológico adotado constituiu-se de várias etapas. Passamos a discorrer sobre estas etapas e suas particularidades, na intenção de tornar mais presente a significação dos resultados e conclusões que o texto virá a apresentar oportunamente.

A pesquisa escolhida inicialmente foi a de coleta e tratamento de dados bibliográficos que consistiu na busca de autores que abordam o tema em estudo. Uma vez desenvolvida a pesquisa bibliográfica necessária para se fundamentar a base teórica e o foco de análise, passou-se à fase de contato com o pessoal da ITCP/UFPR para checar a possibilidade de um trabalho mais próximo para a captação de informações.

No segundo semestre de 1999, a ITCP/UFPR, tinha aproximadamente dez cooperativas em processo de diagnóstico de viabilidade de incubagem, sendo duas delas em estágio mais desenvolvido e avançado. Optou-se então por escolher duas cooperativas mais estruturadas, uma em Antonina, a Cooperativa Serramar, que

trabalha com pescados e mariscos. A outra cooperativa escolhida foi a Coopercamp, em Curitiba, que tem como foco de trabalho a limpeza hospitalar.

Uma vez realizada a escolha, passou-se então à fase de visitas às cooperativas e em paralelo à ITCP/UFPR para que fosse possível verificar o funcionamento e a dinâmica das mesmas.

Os materiais coletados, posteriormente utilizados, foram livros, revistas científicas, artigos, atas de reuniões, relatórios e resultados de pesquisas pertencentes à ITCP/UFPR, entre outros. As visitas realizadas à ITCP/UFPR possuíam dois aspectos ou direcionamentos bem específicos. O primeiro aspecto ou direcionamento foi a coleta de informações, registros das cooperativas e cooperados, atas de reuniões e bibliografias específicas sobre o assunto em estudo. Essa coleta de informações foi direcionada à construção da base teórica e empírica. O segundo aspecto ou direcionamento foi o acompanhamento das atividades dos membros colaboradores, dos estagiários, dos técnicos administrativos, bem como da dirigente da ITCP/UFPR. Esse acompanhamento se deu na forma de observação não participativa nas reuniões e demais atividades, dentro da própria ITCP/UFPR, bem como em visitas realizadas às comunidades. As observações das atividades e reuniões foram autorizadas pela dirigente da ITCP/UFPR e registradas na forma escrita, procurando salientar os principais assuntos abordados. Nas observações realizadas durante as reuniões foram registradas informações sobre as reações dos participantes. (anexos; p. 119).

Para GIL (1994; p. 71) a pesquisa bibliográfica “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Pode-se dizer ainda, conforme GIL (1994), que grande parte dos estudos

exploratórios se operacionalizam através de estudos bibliográficos, o que bem se aplica a este estudo.

Com relação à pesquisa documental também utilizada neste estudo pode-se dizer que é bastante semelhante à bibliográfica, diferenciando apenas as fontes das mesmas. A argumentação de GIL (1994; p. 73) para os tipos de pesquisa documental é que existem

“os documentos de primeira mão, que não recebem qualquer tratamento analítico, tais como: documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações, etc. De outro lado existem os documentos de segunda mão, que de alguma forma já foram analisados, tais como: relatórios de pesquisa, entre outros.”

Pode-se dizer que neste estudo foram utilizados documentos de primeira e de segunda mão para a coleta de informações e avaliação de resultados.

Na fase seguinte foi realizada a pesquisa de campo na qual foram utilizados como instrumentos de pesquisa a entrevista semi-estruturada, o questionário fechado com espaços para observações adicionais e a observação não-participante. O acompanhamento às visitas nas comunidades incubadas (cooperativas) consistiu em registrar, de forma escrita, os principais assuntos abordados; as percepções dos membros da ITCP/UFPR, bem como dos cooperados e também fragmentos e diálogos. (Anexos; p. 119).

Outra fase da pesquisa deu-se através de observação não participante em atividades festivas da Cooperativa Serramar, em Antonina. Segundo GIL (1994; p. 35), “o método observacional é um dos mais utilizados nas ciências sociais...pode ser tido como um dos mais modernos, visto ser o que possibilita o mais elevado

grau de precisão nas ciências sociais”. Esse acompanhamento efetuou-se de forma que os membros da ITCP/UFPR e da cooperativa não soubessem que estavam sendo observados, para que não fossem mascaradas as informações e as atividades.

Na Festa do Caranguejo (Anexo 26; p. 171), ocorrida em 14/01/2001, em Antonina, observou-se que os membros da Cooperativa Serramar apresentam dificuldades em trabalhar em equipe e não estruturam adequadamente suas atividades. Nesse evento, por exemplo, ocorreram comercializações de produtos muito abaixo do preço de mercado, simplesmente para vender, sem pensar em remuneração dos cooperados e nos lucros.

Analisando relatos e registros dos membros das cooperativas e da ITCP/UFPR houve também a opção por formular questionários para serem aplicados aos indivíduos cooperados. O objetivo da aplicação dos questionários era obter informações que confirmassem ou não a influência da UFPR, através da ITCP/UFPR, no desenvolvimento das relações sociais e desenvolvimento do trabalho nas cooperativas incubadas. Para a confecção do questionário foi utilizado o critério de investigação das situações antes e depois (análise seccional) do processo de incubagem. Tentou-se confeccionar um instrumento de pesquisa simplificado, levando-se em consideração a escolaridade dos indivíduos. Outro fator com relação aos questionários era confeccioná-los de uma forma que fossem possíveis coletar informações tanto da Coopercamp como da Serramar, deixando alguns espaços abertos para situações específicas de cada lugar. Na realidade, o que se desejou com a aplicação desses questionários foi a verificação de situações afins que ocorreram nas duas cooperativas em estudo.

A entrevista semi-estruturada foi realizada com a dirigente da ITCP/UFPR, professora doutora Marlene Popp. A entrevista ocorreu nas dependências da ITCP, no prédio central da UFPR, e foi documentada na forma escrita e encontra-se nos anexos deste trabalho.

Os questionários foram aplicados aos membros das cooperativas em estudo, Coopercamp e Serramar, no período de visitas e reuniões realizadas pelos membros da ITCP/UFPR.

As observações não-participantes foram realizadas em momentos distintos. Foram realizadas observações nas reuniões da ITCP/UFPR onde estavam sendo discutidos tanto assuntos internos quanto assuntos das cooperativas incubadas. Outra fase da observação se deu nas reuniões nas próprias comunidades em estudo em momentos de treinamento, bem como em reuniões de serviços.

Outra fase do processo metodológico foi a análise e interpretação das informações coletadas, tanto dos referenciais bibliográficos, como da entrevista, compilação dos resultados obtidos através dos questionários e das observações realizadas na ITCP/UFPR e nas comunidades.

A fase final do processo metodológico foi a análise de triangulação que foi utilizada para comparar os dados obtidos e verificar se houve cruzamento ou não de informações apresentadas. A triangulação, onde foram comparadas informações de mais de uma fonte para que pudessem ser observados pontos de convergência e divergência entre os dados, possibilitou apontamentos que permitiram chegar-se aos resultados e conclusões que o texto apresenta em seu transcorrer.

3.4.3 – Coleta e tratamento de dados

A presente pesquisa foi conduzida através de coleta e tratamento de dados bibliográficos e documentos pertinentes à área de estudo, no caso documentação arquivada na ITCP/UFPR, tais como: atas de reuniões nas comunidades, registro e cadastro de cooperados, fichas de avaliação sócio-econômica, entre outros documentos necessários e disponíveis para a realização da pesquisa.

Também foi utilizado como instrumento de coleta de dados o questionário aplicado aos membros das comunidades em estudo, no caso a comunidade CIC em Curitiba e a de pescadores na cidade de Antonina. É importante salientar que antes da aplicação do questionário final foi realizada uma pré-testagem com o intuito de verificar se o instrumento estava devidamente estruturado e se conseguiria captar as informações necessárias ao desenvolvimento da pesquisa. A pré-testagem foi realizada com os indivíduos membros da cooperativa, em visitas realizadas às comunidades em estudo. Com a pré-testagem apresentando resultados satisfatórios passou-se então à aplicação dos questionários definitivos.

Outra fonte de coleta de dados utilizada foi a entrevista semi-estruturada realizada com a dirigente da ITCP/UFPR, Senhora Marlene Popp. Com essa entrevista foi possível obter informações muito importantes acerca da ITCP/UFPR, bem como das comunidades em estudo, (Anexo; p. 109).

O processo de observação não participante também foi utilizado como instrumento de coleta de informações. Nesse tipo de processo o observador consegue detectar informações que muitas vezes são mascaradas ou omitidas em

questionários e entrevistas, portanto, tem-se maior realidade e segurança para o desenvolvimento da pesquisa, GIL (1994).

4 – OS RESULTADOS DA PESQUISA

Após serem aplicados os instrumentos de pesquisa passou-se à fase de análise dos resultados. Os resultados das questões objetivas dos questionários foram analisados através de estatística simples, proposta por SPIEGEL (1978), encontrando-se as porcentagens dos mesmos. Ainda com relação aos questionários, haviam os comentários adicionais das questões abertas, e, para essas informações foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, BARDAN (1979), e a metodologia de interpretação hermenêutica proposta por DEMO (1989).

Com relação à entrevista semi-estruturada realizada como a dirigente da ITCP, professora doutora Marlene Popp, utilizou-se, igualmente ao tratamento dos dados dos questionários, a técnica de análise de conteúdo e a metodologia de interpretação hermenêutica, propostas, respectivamente por BARDAN (1979) e DEMO (1989).

Primeiramente será exposto o resultado da pesquisa de cada comunidade com relação aos questionários, e, posteriormente, um comparativo de resultados de ambas. Para GIL (1994; p. 35), “o método comparativo procede pela investigação de indivíduos, classes, fenômenos ou fatos, com vistas a ressaltar as diferenças e similaridades entre eles”, mesmo pertencendo a culturas e sistemas diferentes. Por isso, o comparativo de casos bem se aplica a este estudo que investiga duas comunidades diferentes em objeto de trabalho e sistemas culturais.

4.1 – Os resultados da COOPERCAMP – Curitiba

Na Coopercamp, em Curitiba, o questionário aplicado em duas etapas distintas, foi aplicado aos membros da cooperativa, aproveitando-se a visita feita juntamente com a equipe da ITCP/UFPR.

Os questionários foram aplicados nos dias 06 e 13 de abril de 2000 para uma amostra de dezenove entrevistados em um universo de vinte e três, sendo: nove do gênero feminino e dez do masculino. Onze indivíduos responderam na primeira data e oito na segunda.

O questionário consistia em perguntas objetivas, apresentando espaços para complementações às respostas apresentadas. Alguns dos cooperados pesquisados não sabiam ler e escrever, portanto, as respostas foram transcritas literalmente pela pesquisadora para que houvesse máxima fidedignidade.

Há nos questionários opções de “existir” e “não existir” aplicados a uma determinada situação relacionadas ao antes e depois do processo de incubagem. Por isso, para alguns itens, houve o interesse de saber o porquê de se perguntar o como ocorriam os fatos e de sua existência ou não. Assim, na apresentação dos resultados, não há somente uma conotação numérica, mas também os comentários adicionais dos entrevistados foram incluídos para se expressarem, com maior teor, as informações obtidas.

4.1.1 – Os itens e situações existentes pré processo de incubagem -

COOPERCAMP

Tabela 1: Itens apontados pré processo de incubagem

ITENS ABORDADOS PELOS ENTREVISTADOS	PORCENTAGEM APRESENTADA
Organização do e para o trabalho coletivo	26,32
Situações de convívio social	36,84
Entendimento sobre cooperativismo	5,26
Interesse por escolarização	15,79
Interesse por qualificação	15,79
Entendimento sobre conservação do meio ambiente	57,89
Exercício da cidadania	31,58

Fonte: Pesquisa realizada junto a membros da COOPERCAMP - Curitiba

Com relação à do **organização do trabalho**, alguns dos entrevistados alegaram que este item estava presente no cotidiano da comunidade antes de ocorrer o processo de incubagem. Houve essa afirmação porque alguns dos entrevistados desenvolviam algumas atividades uns com os outros no Clube de Mães e na associação de moradores do bairro. Conclui-se então que, para determinados indivíduos pesquisados, a organização do trabalho não se apresentou como algo novo e/ou desconhecido.

O **convívio social** também surgiu como um processo existente antes do processo de incubagem. Quando questionado sobre que tipo de convívio social

existia, foi exposto o jogo de futebol nos finais de semana e feriados e também a ida a bares para o consumo de substâncias alcoólicas.

Dos entrevistados apenas um, entre os dezenove entrevistados, conhecia o **processo de cooperativismo** antes do processo de incubagem ser executado em sua comunidade, motivado por ter exercido atividades laborais em zona rural no interior do estado do Paraná e por conhecer uma cooperativa agrícola.

O **interesse pela escolarização** não estava muito presente antes do processo de incubagem. Os dezenove indivíduos entrevistados, até então, exerciam atividades no mercado informal de trabalho; mercado este que apresenta a característica de não exigir alto grau de escolarização.

Muitos dos membros da cooperativa incubada em estudo não tinham conhecimento sobre o real significado do item **qualificação**. Observação esta facilmente detectada devido o pouco interesse surgido em alguns pesquisados. Dos membros que expressaram interesse por qualificação antes do processo de incubagem, relataram que haviam realizado cursos fornecidos pela Prefeitura Municipal de Curitiba nas áreas de costura e culinária.

Grande porcentagem dos entrevistados afirmou que as questões relacionadas ao **conservação do meio ambiente** já eram vivenciadas antes do processo de incubagem. Uma vez questionado o que eles entendiam como meio ambiente e conservação, argumentaram sobre a coleta seletiva de lixo que ocorre na cidade de Curitiba com o programa “Lixo que não é lixo”. Outras questões relacionadas à conservação ambiental não foram expressas nas respostas dos questionários.

Questões sobre **cidadania** também já eram desenvolvidas por parte dos membros entrevistados, alegando ser o voto a maior expressão dos direitos dos cidadãos.

4.1.2 – Os itens e situações apresentados pós processo de incubagem

Coopercamp

Tabela 2: Itens apontado pós processo de incubagem

ITENS ABORDADOS PELOS ENTREVISTADOS	PORCENTAGEM APRESENTADA
Organização do e para o trabalho coletivo	73,68
Situações de convívio social	63,16
Entendimento sobre cooperativismo	94,74
Interesse por escolarização	84,21
Interesse por qualificação	84,21
Entendimento sobre conservação do meio ambiente	42,11
Exercício da cidadania	68,42

Fonte: Pesquisa realizada junto a membros da COOPERCAMP - Curitiba

Através do instrumento de pesquisa questionário também foram detectados os pontos que apresentaram desenvolvimento pós processo de incubagem. É importante salientar que para alguns membros, certos itens pesquisados eram inexistentes em seus universos diários.

Os entrevistados alegaram que os indivíduos da comunidade exerciam, na maioria das vezes, atividades independentes e autônomas como: diaristas, jardineiros, faxineiros, cuidadores de idosos, lavadeiras, cuidadores de crianças, etc. Para esses entrevistados o processo de incubagem propiciou uma melhor **organização do trabalho** e direcionou-os a uma atividade comum, no caso, a limpeza hospitalar. Eles apontaram que o trabalho organizado e realizado em equipe tem sido muito bom e satisfatório, propiciando um grande **desenvolvimento pessoal e da comunidade** como um todo.

Os entrevistados alegaram gostar de comparecer às reuniões, porque aprendem muito e aproveitam para exercitar o diálogo. Argumentam que já fizeram festas para arrecadar fundos, e, que, além da parte financeira, aproveitaram para se divertir em companhia uns dos outros. A ida aos treinamentos de qualificação no HC também surgiu como um fator de **convívio social** com outras pessoas além das existentes em suas comunidades.

O **entendimento sobre o processo cooperativo** era inexistente para quase a totalidade dos dezenove entrevistados. Eles expuseram que o processo de incubagem foi essencial para o entendimento e implantação do cooperativismo em sua comunidade. Para a maioria dos entrevistados a percepção de que o cooperativismo é uma forma de junção de forças foi essencial para o desenvolvimento da comunidade.

Para a maioria dos dezenove entrevistados, a **escolarização** foi apontada como um fator muito intensificado após o processo de incubagem. A necessidade de escolarização foi bastante salientada quando ocorreu o treinamento de qualificação no HC, segundo alguns pesquisados. O receio de não poderem

realizar cursos e treinamentos foi um ponto motivador para que os membros da cooperativa fossem realizar ou complementar seus estudos.

Em relação à **qualificação**, pode-se afirmar que, para a maioria dos dezenove entrevistados, este item era pouco expressivo para os indivíduos antes do processo de incubagem. Para estes indivíduos, o curso sobre cooperativismo, a palestra com o professor doutor Paul Singer (realizada na ITCP), o curso no HC, entre demais treinamentos e cursos foram experiências de muito valor pessoal. Manifestaram de forma escrita e verbal o desejo de realizarem mais cursos e treinamentos porque julgam essenciais para conseguirem se inserir e se manterem no mercado de trabalho.

Falando sobre o item **conservação do meio ambiente**, alguns entrevistados expuseram que não existia nenhum entendimento, e que este conhecimento só se deu após o processo de incubagem. Para este grupo de entrevistados o meio ambiente não é somente uma coleta do lixo, mas também a conservação de recursos gerais, a comunidade em que vivem, o homem (entendimento adquirido em treinamentos na comunidade e no HC). Portanto, o processo de incubagem não só intensificou certos conhecimentos sobre conservação do meio ambiente, bem como favoreceu àqueles que ainda não possuíam passarem a ter noções sobre o assunto.

O **exercício da cidadania** foi intensificado após o processo de incubagem para a maioria dos membros entrevistados. A busca dos direitos pessoais e da comunidade junto a órgãos competentes e a discussão sobre assuntos políticos foram apontados como fatores de cidadania não abordados anteriormente ao processo de incubagem.

Pode-se observar que em linhas gerais o processo de incubagem foi bastante favorável à Coopercamp. Alguns fatores foram implantados, enquanto que outros só intensificados na comunidade, obtendo-se um resultado satisfatório tanto aos indivíduos quanto à cooperativa, a qual já está atuando no mercado de trabalho junto à Maternidade Vitor do Amaral, em Curitiba.

Outro ponto bastante observado é que as informações e respostas apresentadas nos questionários foram convergentes com as informações coletadas nas observações não participantes. Houve, por parte dos membros da Coopercamp, uma grande fidedignidade ao responderem às indagações da pesquisa. Com isso, observa-se que é um grupo maduro, que procura entender suas falhas para assim melhorá-las e que também reconhecem seu potencial como indivíduos e como cooperativa.

4.2 – Os resultados da cooperativa Serramar - Antonina

Na Cooperativa Serramar, em Antonina, foi aplicado o questionário aos membros da cooperativa em 4 de abril de 2000, aproveitando-se a visita feita junto ao pessoal da ITCP/UFPR, em ocasião de reunião para discussão de assuntos administrativos e de meio ambiente.

Os questionários foram aplicados na própria Cooperativa Serramar a uma amostra de quinze indivíduos em um universo de vinte, sendo oito do gênero masculino e sete do feminino.

O questionário consistia em perguntas objetivas com espaços para complementações às respostas apresentadas.

Para uma melhor visualização dos resultados obtidos tem-se o quadro abaixo, e na seqüência uma nota explicativa dos mesmos.

Nos questionários aplicados aos membros da Serramar há opções de “existir” e “não existir” aplicados a uma determinada situação ao antes e depois do processo de incubagem. Por isso, para alguns itens, houve o interesse de se perguntar o porquê dos fatos e de como eles ocorriam. Por isso, na apresentação dos resultados nas tabelas há somente uma conotação numérica. Há também os comentários adicionais dos entrevistados, os quais foram incluídos para se expressarem com maior teor as informações obtidas em todo o processo de pesquisa.

4.2.1 – Os itens e situações existentes pré processo de incubagem –

Cooperativa Serramar

Tabela 3: Itens apontados pré processo de incubagem

ITENS ABORDADOS PELOS ENTREVISTADOS	PORCENTAGEM APRESENTADA
Organização do e para o trabalho coletivo	33,34
Situações de convívio social	20,00
Entendimento sobre cooperativismo	13,34
Interesse por escolarização	13,34
Interesse por qualificação	13,34
Entendimento sobre conservação do meio ambiente	0,00
Processamento de mariscos e peixes	40,00
Higiene e limpeza no processamento de mariscos e peixes	40,00
Exercício da cidadania	6,67

Fonte: Pesquisa realizada junto a membros da Cooperativa Serramar –

Antonina

Para alguns indivíduos pesquisados a **organização do trabalho** já acontecia antes do processo de incubagem. Para eles essa organização se dava de forma familiar, como por exemplo: falar para os filhos limpar os peixes, a esposa descarnar os mariscos, entre outras atividades. Não havia o entendimento que a organização do trabalho também poderia se dar em outra esfera além da familiar.

Para alguns dos quinze entrevistados o **convívio social** era um fator existente antes do processo de incubagem. Eles alegaram que o convívio social se dava: em atividades de pesca realizadas em conjunto, em atividades de consertos de embarcações, em conversas à beira mar e em situações de consumirem produtos fumíferos.

Durante a entrevista pôde-se observar que alguns entrevistados tinham **conhecimento sobre cooperativismo** antes de suas comunidades sofrerem o processo de incubagem, e por já terem ouvido falar sobre o assunto em noticiários ou vistos em propagandas como, por exemplo, a Unimed (Cooperativa Médica).

O interesse pela **escolarização e qualificação** foi expresso por alguns entrevistados como um fator existente antes da incubagem. Eles fizeram esta afirmação porque são indivíduos que estudam em escolas e em seus próprios lares e também realizam cursos oferecidos pela Prefeitura Municipal de Antonina

Todos os entrevistados foram unânimes em afirmar que as questões de **meio ambiente e conservação**, tais como: pesca ordenada, conservação do mangue, destinação adequada de lixo doméstico, construção de fossas assépticas, etc; não foram objetos de discussões entre os cooperados antes do processo de incubagem. Por exemplo: a pesca e a captura de mariscos eram elaboradas de

forma desordenada e aleatória, nunca respeitaram a época da reprodução. O mangue era considerado por eles como um lugar sujo e fétido.

Já existia na cooperativa, mesmo antes do processo de incubagem, a noção de importância dos **fatores higiene e limpeza no processamento de mariscos e peixes**, por serem questões essenciais na comercialização de seus produtos.

O **exercício da cidadania**, antes do processo de incubagem, foi apontado como presente para apenas um ente os quinze entrevistado; alegando que o exercício da cidadania se dá através do voto eleitoral.

4.2.2 – Os itens e situações apresentados pós processo de incubagem – Cooperativa Serramar

Tabela 4: Itens apontados pós processo de incubagem

ITENS ABORDADOS PELOS ENTREVISTADOS	PORCENTAGEM APRESENTADA
Organização do e para o trabalho coletivo	66,66
Convívio social	80,00
Entendimento sobre cooperativismo	86,66
Interesse por escolarização	86,66
Interesse por qualificação	86,66
Entendimento sobre conservação do meio ambiente	100,00
Processamento de mariscos e peixes	60,00
Higiene e limpeza no processamento de mariscos e peixes	60,00
Exercício da cidadania	93,33

Fonte: Pesquisa realizada junto a membros da Cooperativa Serramar –

Com relação à **organização do trabalho**, para a maioria dos entrevistados, esta foi muito intensificada pós processo de incubagem. Para os cooperados a incubagem forneceu informações importantes de como se organizarem para não ficarem mais à mercê dos atravessadores de peixes e mariscos, os quais estão claramente presentes em seus cotidianos.

A **organização do trabalho** em eventos e festas foi apresentada como ponto positivo para a comunidade, e é uma consequência da incubagem por eles sofrida.

O **entendimento sobre cooperativismo**, após processo de incubagem, foi constatado quase que unanimemente pelos pesquisados. Eles alegaram que não conheciam o processo cooperativo e que o entendimento do mesmo fez com que percebessem que poderiam se mobilizar para agruparem forças e recursos. E assim fazendo estariam livres da pressão dos atravessadores.

O **interesse pela escolarização e pela qualificação** foi evidenciado após a incubagem da cooperativa. Os entrevistados salientaram que sentiram a necessidade “de saber mais” sobre os assuntos discutidos em reuniões e assembléias. A grande maioria dos entrevistados eram analfabetos, analfabetos funcionais ou indivíduos com pouca escolaridade, SAVIANI (1988), e sentiam-se desconfortáveis com essa situação, por isso, uma boa parte deles alegaram que estão à busca de escolarização e qualificação.

Para a totalidade dos entrevistados, as discussões sobre **conservação do meio ambiente** somente foram efetivadas pós processo de incubagem. Expressaram muita satisfação com os cursos ministrados pela estagiária do curso de Biologia, senhorita Ciane, sobre conservação e importância dos mangues pois

foi lhes ensinado qual era o período correto para pesca e captura de mariscos, tamanho ideal para pesca de peixes, entre demais informações.

A **educação ambiental** para crianças também fez parte da instrução dada aos membros da cooperativa e seus familiares. A educação ambiental faz parte de um projeto elaborado pela ITCP/UFPR em conjunto com escolas de ensino fundamental de Antonina e demais escolas da região litorânea do Paraná. Esse projeto contempla o ensino sobre como desfrutar do meio ambiente de forma racional e ordenada, sem agressões irreversíveis à natureza. Também procura ensinar às crianças o valor dos recursos naturais para a preservação da espécie humana. É um projeto que foi estruturado para inicialmente atingir crianças, mas que conseqüentemente atinge os demais familiares e membros da comunidade. Esse projeto recebeu no mês de maio de 2001, prêmio da Petrobrás, a nível nacional, como o melhor projeto de educação ambiental do país por possuir alto grau de abrangência e complexidade apresentando baixo custo.

A **higiene, limpeza e processamento de mariscos e peixes** foram apontados, pela maioria dos entrevistados, como pontos fortes de discussão entre os indivíduos após o processo de incubagem. Os entrevistados alegaram que achavam que já possuíam um entendimento adequado para as questões em assunto, no entanto, através de treinamentos puderam constatar que desconheciam alguns pontos, e que outros precisavam ser intensificados e aprimorados.

O item **exercício da cidadania** também foi apontado como um item bastante enfatizado após o processo de incubagem sofrido pela cooperativa. Na verdade, eles expuseram que não entendiam muito bem o significado real da

palavra cidadania, mas sabem que devem procurar seus direitos e que esta prática faz parte do exercício de ser cidadão.

Mas, há que se salientar que não houve, por parte dos cooperados entrevistados, grande fidedignidade com relação às respostas para alguns questionamentos. Por exemplo, com relação às festividades organizadas, percebeu-se através de observações não participantes e entrevista realizada com a dirigente da ITCP/UFPR, Senhora Marlene Popp, (anexo 1; p. 106), que os cooperados não conseguiram trabalhar harmoniosamente em grupo.

Observou-se na festividade que as barracas não foram organizadas de um forma onde a operacionalização dos serviços fluísse de forma eficaz, tais como: higiene das mesas, rapidez de atendimento, falta de troco no caixa, etc. Os preços aplicados aos consumidores finais não foram devidamente estipulados, isto é, o preço final de venda foi muito próximo ao custo, o que conseqüentemente provocou prejuízos à cooperativa. Quanto aos indivíduos, pode-se dizer que estes tiveram muitos conflitos: brigas, desconfiança por ter desaparecido dinheiro do caixa, por familiares de membros da cooperativa terem consumido produtos e não terem pago pelos mesmos, etc.

A maioria dos conflitos apresentados é advinda da resistência que os cooperados têm em trabalhar em grupo. Essa postura é completamente compreensível pois uma das maiores características destas pessoas é exercer suas atividades de forma individualizada, ou ainda em um pequeno grupo familiar, como por exemplo: pescar sozinho e trazer os peixes e mariscos para os filhos e cônjuge realizarem a limpeza dos mesmos. Outra resistência observada no grupo, através de observação não participante, foi a questão de terem horário estipulado

para exercerem suas atividades. Os cooperados da Serramar estão acostumados a se orientarem pelo clima e demais fatores naturais, tais como: chuva, vento, sol, entre outros; e o fato de estarem subordinados a um horário específico para trabalharem é motivo de desconforto.

Com isso, percebe-se que para os cooperados da Serramar o processo de incubagem trouxe muitos benefícios individualmente e para o grupo, principalmente com relação ao aspecto de conservação do meio ambiente, por exemplo. No entanto, percebeu-se, através de observação não participante que os indivíduos esperavam uma postura mais paternalista por parte dos membros da ITCP, como por exemplo: querer que a UFPR custeasse todas as festividades por eles realizadas. A cobrança quanto a execução das atividades laborais de uma maneira mais profissional, por parte da ITCP/UFPR, também foi motivo de insatisfação dos cooperados. Houve, ao contrário da pesquisa realizada com a Coopercamp, uma divergência quase que total de informações coletadas através de questionários e das observações não participantes na comunidade, tanto em reuniões, bem como em festividades; além da entrevista realizada com a professora Marlene Popp.

Pode concluir-se que, o procedimento da ITCP/UFPR que mais auxiliou no processo de organização do trabalho na cooperativa Serramar foram o treinamento e as palestras que tinham como tema central a questão do meio ambiente e da conservação do mesmo. No que diz respeito às atividades relacionadas ao desenvolvimento das relações sociais pouco houve de influência da ITCP/UFPR junto aos indivíduos, por resistirem em não querer alterar seu *modus vivendi* e *modus operandi*. Acredita-se que, se tivesse ocorrido uma pesquisa social mais apurada sobre o grupo de cooperados, talvez os esforços empregado pela

ITCP/UFPR tivessem sido mais aproveitados nesse processo de incubagem. A resistência do grande grupo e dos subgrupos dentro da cooperativa Serramar provocou um certo processo de estagnação no processo de incubagem. Assim, verifica-se que a necessidade de entender socialmente um grupo é de suma importância para um bom desenvolvimento organizacional, e no caso, para o desenvolvimento de uma comunidade como um todo.

4.3 – Comparativo de resultados entre cooperativas Serramar e

Coopercamp

Com o intuito de aferir se os objetivos e os procedimentos adotados pela ITCP/UFPR influenciaram da mesma forma as duas cooperativas incubadas, tanto com relação ao processo de organização do trabalho bem como no desenvolvimento das relações sociais, será apresentada uma tabela onde estão expostos os resultados das mesmas.

Como as duas cooperativas em estudo possuem objetos de trabalhos diferenciados, pois uma é prestadora de serviços, e a outra de produção, é importante verificar aspectos onde a atuação da ITCP/UFPR pode ser similar à ambas, e onde há divergência de interesses e de conhecimentos sobre determinados assuntos. Com isso, pode-se visualizar focos de atuação mais adequados e específicos às comunidades em estudo.

4.3.1 – Comparativo de resultados entre cooperativas Serramar e Coopercamp pré processo de incubagem

Tabela 5: Comparativo de itens pré processo de incubagem:

Coopercamp x Serramar

ITENS ABORDADOS PELOS ENTREVISTADOS	Porcentagem apresentada Coopercamp	Porcentagem apresentada Serramar
Organização do e para o trabalho coletivo	26,32	33,34
Situações de convívio social	36,84	20,00
Entendimento sobre cooperativismo	5,26	13,34
Interesse por escolarização	15,79	13,34
Interesse por qualificação	15,79	13,34
Entendimento sobre conservação do meio ambiente	57,89	00,00
Processamento de mariscos e peixes	Não pesquisado	40,00
Higiene e limpeza no processamento de mariscos e peixes	Não pesquisado	40,00
Exercício da cidadania	31,58	6,67

Fonte: Pesquisa realizada junto a membros das Cooperativa Serramar e

Coopercamp

Os resultados obtidos com a comparação das duas cooperativas em estudo apresentaram resultados muito próximos em vários itens. Observa-se que os itens processamento, higiene e limpeza de mariscos e peixes não foi pesquisado na Coopercamp por serem específicos da Cooperativa Serramar.

As questões referentes ao **exercício da cidadania e conservação do meio ambiente** foram expressos, pela maioria dos entrevistados da Serramar, como os itens mais significativos para a cooperativa. Segundo os entrevistados, os

itens anteriormente citados eram os mais deficitários para toda a comunidade. Ainda se reportando à compreensão sobre o exercício da cidadania e à conservação do meio ambiente pode-se dizer que estes itens fazem parte do desenvolvimento das atividades laborais, bem como das relações sociais dos indivíduos. O conhecimento e o discernimento sobre questões ambientais beneficiam na interação do indivíduo com seus semelhantes e com o mundo. Do ponto de vista laboral, a conservação do meio ambiente é a manutenção da subsistência da cooperativa que extrai da natureza o objeto de seu trabalho, os peixes e mariscos.

4.3.2 – Comparativo de resultados entre cooperativas Serramar e Coopercamp pós processo de incubagem

Tabela 6: Comparativo de itens pós processo de incubagem: Coopercamp x Serramar

ITENS ABORDADOS PELOS ENTREVISTADOS	Porcentagem apresentada Coopercamp	Porcentagem apresentada Serramar
Organização do e para o trabalho coletivo	73,68	66,66
Situações de convívio social	63,16	80,00
Entendimento sobre cooperativismo	94,74	86,66
Interesse por escolarização	84,21	86,66
Interesse por qualificação	84,21	86,66
Entendimento sobre conservação do meio ambiente	42,11	100,00
Processamento de mariscos e peixes	Não pesquisado	60,00
Higiene e limpeza no processamento de mariscos e peixes	Não pesquisado	60,00
Exercício da cidadania	68,42	93,33

Fonte: Pesquisa realizada junto a membros das Cooperativa Serramar e

Coopercamp

Analisando a tabela acima verificou-se que o entendimento sobre o processo cooperativo foi mais significativo e intenso para os indivíduos da Coopercamp, pois antes do processo de incubagem havia pouco conhecimento e interesse sobre o assunto.

Com relação à questão de meio ambiente e conservação verificou-se que para a Cooperativa Serramar este foi o item mais significativo tanto para a subsistência e manutenção da empresa propriamente dita como também para a educação ambiental das crianças das escolas da região litorânea.

As porcentagens de interesse foram muito altas e significativas após o processo de incubagem, por isso a atuação da ITCP pode ser considerada como importante para o desenvolvimento das comunidades em estudo, tanto com relação ao desenvolvimento das relações sociais e de trabalho.

No entanto, percebeu-se por meio da observação não participante, que para os membros da Coopercamp, o processo de incubagem foi bastante significativo tanto no que se refere às questões de desenvolvimento das atividades laborais, bem como no desenvolvimento das relações sociais. Já para os membros da Serramar, o mais significativo, foi a instrução sobre meio ambiente e conservação, pois isto os auxiliava na preservação de suas atividades profissionais. Quanto às questões de relacionamento grupal, mesmo eles tendo alegado que estes foram intensificados, observou-se que isso não ocorreu na realidade; ao contrário, o trabalho em grupo trouxe divergência e discórdia.

Mesmo assim, pode-se dizer que o processo de incubagem oferecido pela ITCP foi satisfatório para as comunidades. Observa-se também que os mesmos procedimentos realizados em comunidades diferentes também apresentaram

respostas diferentes. Essas diferenças nas respostas se deram pelo fato de os grupos possuírem interesses específicos às suas realidades. Também apresenta-se o fato de que as cooperativas em estudo têm ramos de atividade completamente diferentes, sendo uma prestadora de serviços e outra de produção. O fato de estarem geograficamente distantes e em áreas distintas: uma na região litorânea do estado do Paraná e outra na cidade de Curitiba também constitui-se em um fator de diferenciação grupal e social, que conseqüentemente influencia no processo de incubagem.

4.4 – Considerações finais:

Neste trabalho procurou-se buscar respostas e um entendimento sobre o processo de incubagem realizado pela ITCP/UFPR junto a duas cooperativas. As cooperativas estudadas foram a Coopercamp, em Curitiba e a Serramar, em Antonina.

A pergunta norteadora da pesquisa foi respondida durante o processo investigatório, isto é, realmente alguns dos procedimentos da ITCP/UFPR, junto às comunidades incubadas em estudo, conseguem influenciar o desenvolvimento das relações sociais e na organização do trabalho. No entanto, faz-se mister salientar que nem todos os procedimentos apontados por alguns pesquisados realmente influenciaram no desenvolvimento das cooperativas em estudo. Assim, será exposta uma breve consideração sobre os resultados das comunidades incubadas.

Com relação à cooperativa Coopercamp um dos fatores que mais influenciou no processo de organização do trabalho foi o direcionamento a uma atividade comum, no caso, a limpeza hospitalar, e que, conseqüentemente realocou-os no mercado de trabalho. Em paralelo ao direcionamento proporcionado pela pesquisa de mercado, a qualificação através de treinamentos, palestras, cursos e demais orientações foi de essencial importância para que as atividades laborais pudessem ser melhores desenvolvidas.

No que se refere ao desenvolvimento das relações sociais estas se intensificaram amplamente através de procedimentos executados pela ITCP, proporcionando à Coopercamp espaços para discussão de inúmeros temas, tais como: cooperativismo; meio ambiente e conservação; cidadania; escolarização e atualização profissional; política; entre outros

Para a Serramar a organização do trabalho foi intensificada através de procedimentos executados ITCP/UFPR. Esses procedimentos consistiram em: treinamentos, informações técnicas fornecidas por professores e alunos de diversos cursos de graduação, em assessoria técnica em eventos e festividades, na negociação junto a órgãos públicos, etc. Mesmo com o suporte anteriormente citado, observou-se que na Serramar o desenvolvimento das atividades de incubagem não foram tão significativas quanto foram para a Coopercamp. Isso ocorreu porque percebeu-se que nesta cooperativa, os indivíduos se apresentaram menos ativos, isto é, tinham vontade de receber todas as informações de forma mais processada, desejaram que os membros da incubadora apresentassem uma postura mais paternalista. Essa é uma postura contrária à dos membros da Coopercamp, que procuravam mecanismos de adequação profissional e social com

mais espontaneidade. Os membros da Serramar expuseram que os pontos mais relevantes para a organização do trabalho foram: o treinamento sobre higiene, limpeza e processamento de mariscos e peixes e as palestras e orientações sobre conservação e preservação do meio ambiente.

No que se refere ao desenvolvimento de relações sociais este item foi pouco intensificado após o processo de incubagem, conforme constatações extraídas dos questionários e das observações não participantes. Observou-se que os indivíduos da Serramar são pessoas com estilos de vida bastante característicos. São pessoas acostumadas a trabalharem isoladamente ou apenas em seus núcleos familiares, por isso certas atividades grupais ao invés de serem prazerosas acabam sendo foco de discórdia e desavença entre os indivíduos.

Assim, pode-se dizer que os procedimentos da ITCP/UFPR que mais influenciaram no processo de organização do trabalho da cooperativa Serramar, foram os treinamentos específicos para o manejo de peixes e mariscos e as informações sobre conservação e exploração ordenada do meio ambiente.

Outra consideração bastante importante a ser tecida é que a ITCP/UFPR, mesmo apresentando dificuldades estruturais de espaço físico, de número reduzido de pessoal, tem conseguido obter êxito em suas atividades de incubagem. Faz-se necessário uma melhor estruturação para a execução das atividades a que se propõem e a obtenção de fontes de financiamento para a execução de seus projetos.

4.5 – Sugestões para futuras pesquisas

Este trabalho serviu-se da experiência de muitos pesquisadores, estudiosos, de indivíduos e de grupos para sua conclusão. Tem-se como entendimento que nenhum trabalho é totalmente acabado ou estático, mas que tudo está sempre em movimento, em evolução.

Acredita-se que através deste estudo possam ser realizados muitos outros e em várias áreas de interesse. Uma das áreas que podem ser mais aprofundadas é a Sociologia, onde o estudo dos comportamentos dos grupos é mais facilmente evidenciado procurando encontrar e reconhecer seus códigos, regras e desejos.

O curso de Administração pode se servir amplamente deste trabalho. A título de sugestão, pode aprofundar o estudo dos mecanismos estratégicos de uma incubadora tecnológica, buscando entender o funcionamento de cooperativas de base popular e organização das mesmas, entre tantos outros aspectos.

A Psicologia Organizacional também pode aproveitar este trabalho para dar continuidade a estudos sobre formas de organização dos indivíduos frente a um novo processo de organização laboral.

Concluindo, este estudo pode ser utilizado por aqueles que desejam entender sobre o processo de incubagem realizado por uma instituição de ensino, no caso a UFPR; ou entender sobre cooperativismo popular, e assim darem prosseguimento a estudos nestas áreas.

5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTO, Carlos Ramos **Manual da cooperativa de serviço e trabalho**. São Paulo: Editora STS Publicações e Serviços, 1^a ed., 1996.

ALENCAR, José W.; CRAVEIRO, Afrânio e CARVALHO, Josineide F.. Parque de desenvolvimento tecnológico do Ceará – Tecnologia da universidade para empresas, *in*: **TECBAHIA Revista Baiana de Tecnologia**, vol. 10, número 1. Camaçari: janeiro/abril de 1995.

ALMEIDA, Roberto e PACIORNIK, Maria. *The contribution of the Curitiba software park to development of software technology in Curitiba*, *in*: **V Word conference on science PARKS** . Rio de Janeiro, 1996.

ALMOND, Gabriel e BINGHAM, G.. **Uma teoria de política comparada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

AMARAL, Fábio H. e OUYAMA, Maurício N.. **Da comunidade à cooperativa: histórico da Coopercamp e outras reflexões sobre história social do cooperativismo em Curitiba (1988 – 2000)**. (Monografia de Graduação no Curso de História). Curitiba: UFPR, 2000.

AMMANN, P. **As teorias e a prática da formação profissional**. Brasília: Editora da UNB, 1987.

ARAÚJO, Silvia M. P. de. **Eles: a cooperativa, um estudo sobre a ideologia da participação**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte do Paraná, 1982.

AZEVEDO, Carlos Antonio de. **Proposta de modelo eficiente e eficaz para atuação do Centro de Pesquisas e Desenvolvimento – CEPED**, *in*: **TECBAHIA Revista Baiana de Tecnologia**, vol. 10, número 1. Camaçari, janeiro/abril de 1995.

AZNAR, Guy. **Trabalhar melhor para trabalharem todos**. São Paulo: Editora Scritta, 1995.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BASTOS, João Augusto S. L. A. **O diálogo da educação com a tecnologia**. Coletânea “Educação e Tecnologia” Cefet _ Pr. Curitiba, 1998.

BENJAMIM, Fernanda Antonia S. **Educação e mudança social: uma tentativa de crítica** (dissertação de mestrado). Universidade de Brasília, 1976.

BENTO, João Vitorino Azolin. **ABC do cooperativismo**. São Paulo: Associação do Cooperativismo – Instituto do Cooperativismo e Associativismo, 1996.

BLAU, P. M. O estudo comparativo das organizações. In: CAMPOS, E. **Sociologia da burocracia**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

BRYAN, Newton A. P. **Educação, trabalho e tecnologia**, Campinas, volumes I e II, 1992.

BRUYNE, Paul de; HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, Marc de. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1991.

CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.

CARVALHO, Marília Gomes de. Tecnologia e Sociedade, *in*: **Tecnologia & interação – Coletânea “Educação e Tecnologia”**. Curitiba: Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, 1998.

CHAUÍ, Marilena. **Em torno da universidade de resultados e de serviços**. São Paulo: Revista USP número 25, 1995.

CHIAPETTI, Jorge. A pesquisa na universidade, Incubadoras de Empresas de Base Tecnológica (IEBTs) e a questão do empreendedorismo: uma tentativa de análise, *in*: **ANAIS - VII Seminário Nacional de Parques Tecnológicos e Incubadoras de Empresas**. Salvador, 2000.

CHIZZOTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

DEJANIR, Dalpasquale **Organização das cooperativas brasileiras**. Brasília: OCB, 1993.

DE MASI, Domenico. **O futuro do trabalho – fadiga e ócio na sociedade pós-industrial**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1999.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 2a. ed., 1989.

DIAS, Ellen G. D. e MACULAN, Anne-Marie. As instituições que viabilizam as incubadoras, *in*: **ANAIS - VII Seminário Nacional de Parques Tecnológicos e Incubadoras de Empresas**. Salvador, 2000.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. São Paulo: Atlas, 1993.

FARIA, Regina F. F. de. Seleção de empresas – o plano de negócios é necessário. Mas é suficiente?, *in*: **ANAIS - VII Seminário Nacional de Parques Tecnológicos e Incubadoras de Empresas**. Salvador, 2000.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. **O minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 4ª edição, 1994.

GODOY, Arilda S.. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. São Paulo: RAE,, v. 35, n° 3, p. 20 – 29, maio/junho 1995.

GOLDEMBERG, José. **A academia e o mundo real**. São Paulo: Revista da USP, número 25, 1995.

GOMES, Erasmo José. Pólos tecnológicos: mitos internacionais e realidade brasileira, *in*: **ANAIS - VII Seminário Nacional de Parques Tecnológicos e Incubadoras de Empresas**. Salvador, 2000.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **A nova ciência das organizações – uma reconceituação da riqueza das nações**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, _____.

GUIMARÃES, Gonçalo. **Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da COPPE/UFRJ: Formação e desenvolvimento de cooperativas populares como instrumento de geração de trabalho e renda**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999, mímio.

HABERMAS, Jürgen. **Passado como futuro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

_____. **Técnica e ciência como “ideologia”**. 1ª Edição. Lisboa: Edições 70, 1994.

HARMAN, Willis e HORMANN, John. **O trabalho criativo**. São Paulo: Cultrix, 1990.

HARTUNG, Alcyr Peters. **O cooperativismo**. Florianópolis: ITEC – Instituto Técnico das Cooperativas (Universidade Federal de Santa Catarina), 2ª edição, 1996.

HIWATASHI, Erica. Sistema de inteligência competitiva para incubadoras empresariais tecnológicas e para micro e pequenas empresas de base tecnológica, *in*: **ANAIS - VII Seminário Nacional de Parques Tecnológicos e Incubadoras de Empresas**. Salvador, 2000.

HOFFMANN, Maria Gorete da S. T.. Esforço de estruturação de mecanismos de pré-incubação, *in*: **ANAIS - VII Seminário Nacional de Parques Tecnológicos e Incubadoras de Empresas**. Salvador, 2000.

JAPIASSÚ, H. e MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2ª Edição revista, 1991.

KANAANE, Roberto. **Comportamento humano nas organizações**. São Paulo: Atlas, 2ª edição, 1999.

KERLINGER, Fred. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais: um tratamento conceitual**. São Paulo: EPU. 1979.

LIANZA, Sidney (organizador). **UNITRABALHO – REDE UNIVERSITÁRIA: Incubadoras tecnológicas de cooperativas populares**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

LOPES, Fernando. **A história como nossa bagagem**. UNITRABALHO: Integrar cooperativas. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.

LUNARDI, Maria Elizabeth. **Parques tecnológicos: estratégias de localização em Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba**. Curitiba: Editora do Autor, 1997.

LUZ FILHO, Fábio. **As cooperativas e os problemas da terra**. Rio de Janeiro: Editora Melso Sociedade Anônima, 1953.

MANNHEIMER, Walter. **Motivação e direcionamento da pesquisa em um país em desenvolvimento**, *in*: **Ciência e tecnologia: alicerces do desenvolvimento**. São Paulo: Cobram, 1994.

MATOS, Franco de. **Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares – Universidade de São Paulo – CECAE – Coordenadoria Executiva de Cooperação Universitária e Atividades Especiais – Projeto Técnico**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999.

MEDEIROS, José Adelino. Incubadoras de empresas: lições da experiência internacional, *in*: **Revista de Administração**. São Paulo, volume 33, número 2, p. 5 – 20, abril/junho de 1998.

_____. **Incubadoras brasileiras: avaliação e ajustes**. Camaçari: TECBAHIA Revista Baiana de Tecnologia, vol. 10, número 1, janeiro/abril de 1995.

MORAES, Paulo Eduardo Sobreira. **Um espaço comunicativo entre a tecnologia ambiental, a engenharia química e a educação tecnológica**. (dissertação de mestrado). Curitiba: CEFET – PR, 2000.

MOREIRA, H. Pesquisa Educacional: Reflexões sobre os paradigmas de pesquisa. *In*: FINGER, A. et al. **Educação: Caminhos e perspectivas**. Curitiba: Champagnat, 1996.

MOSER, Alvino. **Introdução à Filosofia e Teoria do Conhecimento**. Jandaia do Sul: FAFIJAN, 2000.

MOURA, Valdiki. **Legislação Federal sobre cooperativismo: específica e aplicada**. Brasília: Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura, 1965.

MÜNKNER, Hans H. **Princípios cooperativos y derecho cooperativo**, (tradução para o espanhol de Daniel Moeremans), Bonn: Friedrich-Ebert Stiftung, 1988.

OLSON, Mancur. **A lógica da ação coletiva**. São Paulo: EDUSP, 1999.

PADILHA, Draúzio Leme. **Sociedades cooperativas: organização, contabilidade e legislação**. São Paulo: Atlas, 1º edição, 1966.

PAGÈS, Max (et al.). **O poder das organizações**. São Paulo: Atlas, 1987.

PALADINO, Gina G. e MEDEIROS, Lucília Atas. **Parques tecnológicos e meio urbano: artigos e debates**. Brasília: ANPROTEC, 1997.

PELIANO, José C.P. **O impacto das novas tecnologias na sociedade**. Curitiba: Revista do CEFET- Pr. Número 3, 1995.

PINHO, Diva Benevides. **Atuação das cooperativas em alguns países desenvolvidos e subdesenvolvidos**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1964.

POPPER, Karl R. **Conhecimento objetivo: uma abordagem evolucionária**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.

POSSAS, Zenaide C. **Universidade-Empresa: problema ou solução?** (dissertação de mestrado). Curitiba: CEFET – PR, 1995.

RECH, Daniel **Cooperativas: uma alternativa de organização popular**. Rio de Janeiro: Fase, 1^a edição, 1995.

RICHARDSON, Roberto J. et alli. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1989.

ROHDEN, Humberto. **Novos rumos para a educação**. São Paulo: Martin Claret Editores, 4^a edição, 1997.

ROSA JÚNIOR, Sylvio Goulart. Parques tecnológicos e incubadoras de empresas de base tecnológica: surgimento e perspectivas, *in*: **TECBAHIA Revista Baiana de Tecnologia**, vol. 10, número 1. Camaçari: janeiro/abril de 1995.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. São Paulo: Atlas, 13^a edição, 1993.

SALCEDO, Eliana. **Pesquisa social na Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da UFPR**. Curitiba, UFPR, 1999.

SANTANA, Marco Aurélio. **Sindicalismo em tempos de mudança: crise e perspectivas**. Volume 9 – número 19. Brasília: Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior, 1999.

SAVIANI, Dermeval. **Política e educação no Brasil**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 2ª edição, 1988.

SCHNEIDER, José Odelso. **Democracia, participação e autonomia cooperativa**. São Leopoldo: UNISINOS, 1991.

SILVA, Maria de Lourdes de. Incubadoras de empresas: atuação do Sistema SEBRAE, *in*: **ANAIS - VII Seminário Nacional de Parques Tecnológicos e Incubadoras de Empresas**. Salvador, 2000.

SINGER, Paul. **Uma utopia militante: repensando o socialismo**. Petrópolis: Vozes, 1ª ed., 1998.

____. **Formação em cooperativismo: treinamento tecnológico**. São Paulo: USP – Universidade de São Paulo, 1999.

SPIEGEL, Murray R. . **Estatística**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1978.

STAINSACK, Cristiane. Programas de empreendedorismo nas instituições acadêmicas do Paraná, *in*: **ANAIS - VII Seminário Nacional de Parques Tecnológicos e Incubadoras de Empresas**. Salvador, 2000.

THIOLLENT, Michel. **Pesquisa-ação nas organizações**. São Paulo: Atlas, 1997.

THOMPSON, John B.. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1995.

TRIVIÑOS, Augusto N. S.. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA, Marcelo Motta. Incubadora de bons frutos, *in*: **Paraná e Companhia – Economia e Negócios**. Ano 3, número 23, Curitiba: maio de 1996.

VIEITEZ, Cândido Giraldez (Organizador). **A empresa sem patrão**. Marília: UNESP, 1997

WATKINS, W.P.. “Reflexiones sobre el futuro del movimiento cooperativo internacional”, *in*: **Revista de la Cooperación Internacional**, Buenos Aires, ACI-INTERCOOP, 1978.

YIN, R. K. . **Case study research: desing and methods**. Newbury Park, CA: Sage Publications, 1989.

ZAGOTTIS, Décio Leal de. Sobre a interação entre a universidade e o sistema produtivo, *in*: **Revista da USP** - número 25, São Paulo: 1995.

6 – ANEXOS

ANEXO 1

Entrevista realizada dia 28 de março de 2001 com a Professora Doutora Marlene Popp, geóloga.

Coordenadora de Apoio à Cidadania, na PROEC – Pró-reitoria de Extensão e Cultura.

Coordenadora e dirigente do programa de extensão universitária de “Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares” da Universidade Federal do Paraná.

Fale-me sobre o programa?

Bom, todo o programa ainda é novo; é todo um processo contínuo. Há primeiramente a qualificação da equipe de trabalho interna (Nossa, da universidade). Para a qualificação de nosso pessoal foram realizados vários cursos e treinamentos, sendo que o último foi ministrado pelo pessoal da COPPE, do Rio de Janeiro, no final do ano passado.

Ainda é novo o programa; temos 2 anos e nossas dificuldades são muitas, principalmente a dificuldade financeira.

O que sentimos de dificuldade com relação às comunidades incubadas são as questões de autogestão, escolaridade baixa, estruturação (ou falta dela) no grupo e “poder”.

Que poder?

O poder que um membro, de uma comunidade que sofreu incubagem, sobre outro membro. Isso ocorre porque muitas vezes um indivíduo já possui um “cargo” representativo em sua comunidade, como por exemplo o Sr. Joel na comunidade CIC que já era o presidente da associação do bairro e tornou-se o presidente da cooperativa. Isso causou muitos e graves transtornos para o desenvolvimento das atividades, tanto é que acabaram destituindo-o do cargo. Não é porque ele era o presidente da associação que ele não poderia ser o presidente da cooperativa, mas sim porque ele centralizava as informações (reuniões, cursos novos, entre tantas outras coisas) e queria ter privilégios com relação ao demais

cooperados. Com isso houve uma imensa dispersão de membros que agora têm sido reorganizados pela nova diretoria.

Outro problema sério é que tivemos é que o antigo presidente, Sr. Joel, não acreditava que a cooperativa desse certo, ele admitiu perante o grupo de cooperados e também a certos membros da equipe da universidade, que estava “nessa” porque tinha interesses políticos, pois sua esposa foi candidata à vereadora nas eleições de 2000 pelo bairro CIC e que estar na cooperativa era muito bom.

Essa coisa de poder é muito difícil de lidar porque em cada comunidade funciona de uma forma diferente e as pessoas também são muito diferentes...

Por favor, fale-me mais sobre a Comunidade CIC.

A comunidade CIC, ou melhor, os membros dela, a princípio, tinham inúmeras idéias sobre coisas a trabalhar. Eles pensavam em ser vigilantes, costureiros, artesãos em vidro e outros materiais reciclados, entre tantas outras coisas, inclusive serem zeladores.

Foi realizada uma pesquisa social dos membros e observou-se que a maioria deles nunca haviam atuado no mercado formal de trabalho e com relação ao nível de escolaridade este era muito baixo. Então foram expostas algumas opções de trabalho a serem desenvolvidas: uma delas é a de limpeza com um enfoque hospitalar e a outra de vigilância. A atividade de vigilância foi descartada porque demoraria muito tempo até que os membros da cooperativa concluíssem no mínimo o ensino fundamental, que é um requisito básico para execução da função e também porque algumas pessoas têm medo de manusear armas de fogo (que em algumas instituições precisam ser utilizadas).

A atividade de limpeza é muito familiar a todos os indivíduos, independentemente do sexo e da escolaridade. A sugestão pela limpeza hospitalar surgiu de uma própria necessidade da Universidade Federal do Paraná (UFPR), no Hospital de Clínicas (HC), que tem dificuldade de encontrar pessoal qualificado nessa área, em específico.

E como treinaram esse pessoal de baixa escolaridade para executar as funções tão específicas como as de limpeza hospitalar?

Primeiramente esbarramos na questão financeira, pois o dinheiro é escasso. Precisamos entrar em contato com pessoas que pudessem treinar esses indivíduos sem cobrar ou cobrando pouco.

Expusemos toda a situação ao pessoal do HC e tivemos a imensa satisfação de verificar que fomos prontamente atendidos. A chefe a equipe de limpeza do HC, Senhora Rosângela, aceitou dar um treinamento aos membros da cooperativa, sendo que um dos requisitos para realizar o curso era saber ler e escrever e ter menos de 40 anos. A questão da idade foi terrível de ser trabalhada com os membros mais velhos, mas foi um requisito que teve que ser respeitado. A questão de saber ler e escrever era fundamental porque eles teriam acesso a muitos produtos de limpeza e desinfecção e por isso tem que conhecer os rótulos e as diluições dos inúmeros produtos, não causando problemas a si mesmos e também aos indivíduos hospitalizados. Eles foram treinados durante várias semanas no HC, com aulas teóricas e práticas, no ano de 2000. Para esse ano ainda terão um novo curso com a senhora Rosângela com o nome “O prazer pelo trabalho” e outros ofertados pela PRHAE – Pró-reitoria de Recursos Humanos e Assuntos Estudantis, através de contato com a enfermeira Jussara.

Para essa comunidade já foi fechado um contrato de trabalho, com a própria UFPR, na Maternidade Vitor do Amaral, que será reinaugurado no Dia das Mães desse ano (13/05/2001). Esse hospital terá uma equipe de limpeza composta por 13 (treze) pessoas, sendo 11 do sexo feminino e 2 do sexo masculino. Será um hospital escola que fará atendimento pré-natal e de partos de baixo risco.

Os membros da comunidade estão muito felizes porque agora eles já poderão trabalhar e ganhar algum dinheiro, pois a maior dificuldade de todos é a financeira.

E com relação à comunidade de Antonina, o que a senhora tem a dizer?

A comunidade de Antonina, diferentemente da comunidade CIC, sempre teve seu objeto de trabalho bem definido, que é a pesca e a coleta de mariscos. A atividade em Antonina é realizada em duas etapas: a externa que é pesca propriamente dita e a interna que é a preparação dos mariscos. As atividades são realizadas por pessoas de ambos os sexos. O preparo dos mariscos é muitas vezes realizado apenas por idosos e crianças que não tem força suficiente ou habilidade para irem ao mar pescar e coletar mariscos.

Mas tenho que dizer que essa comunidade, em alguns aspectos é mais fácil de trabalhar...

Em que aspectos?

Por exemplo, como eu já havia falado, eles sabem o que gostam de fazer, e, principalmente o que sabem fazer. De certa forma, já são organizados e tem preparo através da experiência passada de geração em geração com relação a trabalhar no mar. Geralmente a família é numerosa o que faz com que a mão de obra seja farta. E, principalmente, eles querem a cooperativa para “fugir” dos atravessadores que ganham muito em cima do trabalho deles, mas também existem as dificuldades que são muitas.

Por favor, a senhora pode enumerar algumas dessas dificuldades?

Sim. No grupo (membros da cooperativa) existem muitas divergências pessoais. Por exemplo tem mulher de pescador que tem “caso amoroso” com o atravessador ou mesmo com outros pescadores; o poder político local está muito concentrado nos pescadores e nos votos de seus familiares e isso influencia demais a cabeça deles, acreditando que determinado candidato pode fazer melhor e mais por eles, enfim é tudo muito confuso. Uma coisa não é confusa com relação ao papel da prefeitura de Antonina com relação ao apoio que dá à cooperativa. A cooperativa de Antonina recebeu da prefeitura um local onde fazem reuniões e discussões, bem como uma cozinha que ainda não está bem adaptada para o

processamento dos mariscos, mas ela já existe. Ganharam também um terreno para a construção da sede, mas o local não foi muito apropriado porque está longe do local da pesca e ficaria difícil o transporte dos produtos, principalmente porque são altamente perecíveis e com o clima quente de Antonina ficaria totalmente inviável aquela localização sem possuírem um veículo para o transporte.

Outra questão que causa muita dificuldade na organização da cooperativa em Antonina é a questão cultural, cultural e secular. O povo, os pescadores não são acostumados a terem um horário fixo e rígido para o trabalho, e isso não significa que eles não sejam trabalhadores. Existe aquele pescador que acorda e diz: “será que vai chover hoje”?; e, se chover ou garoar ele não vai mesmo. Vou dar um exemplo de um evento que eles tentaram organizar para arrecadar fundos para a cooperativa. Eles resolveram fazer um almoço e escolheram risoto para o cardápio; começou aí a confusão porque risoto apesar de ser um prato muito conhecido não faz parte da culinária local e não está entre os hábitos de consumo. Na hora de fazer os cardápios, as folhas com o que tinham para oferecer/vender nós da incubadora ajudamos mas nos deparamos que muitos conhecem números, fazem contas mas não sabem ler ou escrever. Fizemos uma lista de preços com os desenhos das garrafinhas de cerveja, o prato cheio de arroz, a latinha do refrigerante e demais coisas com o preço do lado e assim foi... (suspiros)... tenho que dizer que levamos para o litoral alguns convidados de outras universidades para conhecer a cooperativa e comer o tal do risoto. Foi um evento um tanto quanto desorganizado; foi uma lástima. Mas, analisando bem, foi um excelente aprendizado para nós da incubadora, bem como para eles porque percebemos que é preciso focar os objetivos, não dá para ficar atirando para todo lugar. Eles não são cozinheiros, não estão acostumados a servirem mesas, eles são sim pescadores e terão que ter o discernimento de, quando não estiverem mais incubados, contratarem pessoas capacitadas para executar tarefas que eles não podem, ou ainda, se capacitarem para tal.

Uma coisa que me deixa muito feliz com relação à cooperativa de Antonina, tirando todos esses problemas, é que, em alguns aspectos houve um imenso crescimento individual e grupal. A Educação Ambiental tem sido aplicada e muito

bem aceita pelos cooperados. Hoje eles já entendem que o mangue, que para eles, era algo sujo e mal cheiroso, é, na verdade, um importante ecossistema para a região. Antes eles pescavam mariscos de qualquer tamanho, sem se preocupar com a reprodução. Hoje eles sabem que não podem coletar os mariscos sempre no mesmo local, tem que fazer rodízio e respeitar a época de reprodução e principalmente não pescarem os mariscos e peixes que ainda são “bebês”. Há por parte da incubadora um projeto de elaboração de cartilha orientativa para as crianças que está concorrendo ao “Prêmio Petrobrás”; é um orgulho para nós; um orgulho imenso.

Agradecimentos.

ANEXO 2

Entrevista sem estruturação prévia realizada com o professor Dr. Paul Singer, economista, escritor e docente na USP- Universidade de São Paulo.

A entrevista foi realizada no dia 10 de abril de 2001 nas dependências do prédio central da UFPR - Universidade Federal do Paraná, na Praça Santos Andrade, Curitiba – Paraná: logo após ter sido proferida palestra sobre Direito Cooperativo para os alunos do programa de mestrado e doutorado em Direito.

Professor Paul Singer, para mim é um prazer imenso conhecê-lo. Meu nome é Maura Franco, sou docente na UFPR e aluna no programa de mestrado em Administração e estou escrevendo minha dissertação na área de “Incubadoras de Cooperativas” e o senhor é um dos principais autores que utilizo em minha bibliografia.

O prazer é meu em saber que sou citado em sua dissertação, me fale um pouco de seu trabalho.

Até onde sei meu trabalho é novo porque existem muitos trabalhos que falam sobre cooperativas e muitos que falam sobre incubadoras tecnológica, mas um que fale sobre incubadora de cooperativas, enfocando estudos de caso, é o meu. Meu estudo é da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da UFPR. Dentro desse estudo escolhi duas cooperativas como foco principal: uma de serviços e uma de produção.

Professor, gostei muito quando o senhor falou que uma cooperativa popular de produção, conseqüentemente, com o passar do tempo, irá se transformar em uma empresa capitalista. Porque o senhor tem essa visão?

Isso ocorre porque a empresa vai crescendo muito, e, aos poucos vai necessitando de outras formas de gerenciamento que não é o cooperativo. Como eu falei durante a palestra, há um estudo de mestrado sendo realizado por uma aluna no Rio Grande do Sul que enfoca isso: a questão da transformação do tipo de gestão. Isso não é bom nem ruim, é um fato. Mas, deste fato podemos concluir que é mais fácil sobreviver uma cooperativa de

serviços ou de artesanatos que uma de produção de enlatados, por exemplo. Em um ponto de vista bem pessoal pode-se dizer que uma cooperativa de base popular voltada à produção, a sobrevivência persiste se ela é pequena; quanto maior o porte maior é a dificuldade de se manter de forma cooperativa.

Professor quero pedir-lhe autorização para anexar em minha dissertação as informações que o senhor me forneceu nesse nosso bate-papo informal e também durante a palestra.

Sim, sem dúvida. Quando sua dissertação estiver pronta mande uma cópia para mim; pode mandar via *e-mail* que é mais fácil; vou deixar meu endereço para você.

Agradecimentos.

ANEXO 3

RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO NÃO PARTICIPANTE

Observação não participante realizada em reunião com a equipe da ITCP - Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da UFPR – Universidade Federal do Paraná.

Membros presentes na reunião: Marlene Popp (coordenadora), Mey Mezhtilde Serenato (bolsista Sênior da UFPR), Raimundo de Assis Ferreira (técnico administrativo), professor José Antonio Peres Gediel (coordenador da parte de Direito, dentro da cooperativa), professora Denise Maia (coordenadora da parte de projetos), Eliana Salcedo (socióloga colaboradora do programa da ITCP).

A reunião foi realizada nas dependências da ITCP, no prédio central da UFPR, na Praça Santos Andrade, no dia 25 de janeiro de 2000 às 15:00 horas.

Apresentei-me a todos e salientei aspectos da dissertação, e que, a observação das reuniões seria de suma importância para a coleta de dados.

Nessa reunião foram abordados os principais itens:

- As diretrizes para o ano de 2000 tanto para a estruturação interna da ITCP, bem como para com as comunidades incubadas;
- A maior ênfase seria dada às cooperativas que estivessem melhor estruturadas, dentre elas a da CIC e a de Antonina (em estudo);
- Pesquisa de linhas de financiamento para as cooperativas;
- Cursos de qualificação profissional para os membros da cooperativa.

Após serem amplamente discutidos os assuntos, foram designados aos participantes as atividades que iriam desenvolver nos próximos dias. Os membros

teriam que trazer sugestões, propostas e resultados com relação aos itens que ficaram sob suas responsabilidades.

ANEXO 4

Observação não participante realizada em reunião com a equipe da ITCP - Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da UFPR – Universidade Federal do Paraná.

Membros presentes na reunião: Marlene Popp (coordenadora), Raimundo de Assis Ferreira (técnico administrativo), professor José Antonio Peres Gediel (coordenador da parte de Direito, dentro da cooperativa), professora Denise Maia (coordenadora da parte de projetos), Eliana Salcedo (socióloga colaboradora do programa da ITCP), professor José Antonio do Carmo (colaborador da UFPR), professora Sandra (colaboradora do departamento de psicologia da UFPR) e estagiários (Eduardo Raider e Simone Aparecida Linovioski).

A reunião foi realizada nas dependências da ITCP, no prédio central da UFPR, na Praça Santos Andrade, no dia 27 de janeiro de 2000 às 09:00 horas.

Nessa reunião foram abordados os seguintes itens:

- Apresentação dos estagiários, sendo que a estagiária Simone (curso de Psicologia) e o estagiário Eduardo (curso de Direito) trabalhariam diretamente com os professores Sandra e Gediel, respectivamente;
- Os trabalhos nas comunidades incubadas estariam sendo diretamente acompanhados por três membros da ITCP e que eu (mestranda Maura) acompanharia as visitas nas comunidades incubadas CIC e Antonina;

Foi uma reunião breve onde apenas esses itens foram abordados.

ANEXO 5

Observação não participante realizada em reunião com a equipe da ITCP - Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da UFPR – Universidade Federal do Paraná.

Membros presentes na reunião: Marlene Popp (coordenadora), Mey Mezhtilde Serenato (bolsista Sênior da UFPR), Raimundo de Assis Ferreira (técnico administrativo), professor José Antonio Peres Gediel (coordenador da parte de Direito, dentro da cooperativa), professora Denise Maia (coordenadora da parte de projetos), professor José Antonio do Carmo (colaborador da UFPR), professora Sandra (colaboradora do departamento de psicologia da UFPR) e estagiários (Eduardo Raider e Simone Aparecida Linovioski).

A reunião foi realizada nas dependências da ITCP, no prédio central da UFPR, na Praça Santos Andrade, no dia 1º de fevereiro de 2000 às 14:00 horas.

Nessa reunião foram resgatados assuntos da reunião realizada em 25/01/2000, bem como explanação das propostas levantadas pelos colaboradores, professores e estagiários.

Os principais itens abordados foram:

- Para o ano de 2000 a maior prioridade era a estruturação interna da ITCP (pessoal qualificado, instalações, equipamentos e financiamento para melhorias de alto custo);
- As cooperativas que estivessem melhor estruturadas, dentre elas a da CIC e a de Antonina (em estudo) receberiam qualificação primeiramente. A comunidade CIC, uma vez definido o objeto de trabalho, limpeza hospitalar, receberia treinamento e qualificação específica no HC – Hospital de Clínicas, e para isso não haveria custo algum; a não ser o deslocamento dos membros do bairro CIC ao HC;
- A comunidade de Antonina receberia visita no final do mês de fevereiro para ser realizado um diagnóstico mais detalhado sobre sua situação,

e, posteriormente seriam formuladas as diretrizes específicas para seu caso;

- As linhas de financiamento para as cooperativas ainda são escassas, tendo o FAT – Fundo de Amparo ao Trabalhador como o maior financiador de projetos desse cunho.

ANEXO 6

Observação não participante realizada em reunião com a equipe da ITCP - Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da UFPR – Universidade Federal do Paraná.

Membros presentes na reunião: Marlene Popp (coordenadora), Eliana Salcedo (socióloga e colaboradora), Ciane (estagiária do curso de Sociologia).

A reunião foi realizada nas dependências da ITCP, no prédio central da UFPR, na Praça Santos Andrade, no dia 3 de fevereiro de 2000 às 09:00 horas.

Nessa reunião foram abordados os seguintes itens:

- A Sr.^a Eliana abordou que em algumas comunidades, inclusive a CIC (em estudo), há uma manipulação de alguns membros com relação a outros para conseguirem algum tipo de benefício próprio. Na comunidade CIC, o Sr. Joel, presidente da cooperativa manipula membros para colocar em prática suas aspirações políticas e que usa o nome da universidade para cancelar suas posturas. Colocou ainda que os membros da ITCP não poderiam ser coniventes com tal situação e que não poderiam adotar uma postura paternalista com relação à comunidade. Situação detectada em visita à comunidade no dia 1º de fevereiro de 2000;
- A professora Marlene argumentou que os membros da ITCP não adotam posturas protecionistas para com nenhuma comunidade.

COMENTÁRIO: Foi uma reunião turbulenta. Não houve um consenso sobre posturas a serem adotadas perante os membros das comunidades. Tanto a professora Marlene como a socióloga Eliana, em minha percepção, saíram frustradas da reunião.

ANEXO 7

Observação não participante realizada em reunião com a equipe da ITCP - Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da UFPR – Universidade Federal do Paraná.

Membros presentes na reunião: Marlene Popp (coordenadora), Mey Mezhtilde Serenato (bolsista Sênior da UFPR), Eliana Salcedo (socióloga), Raimundo de Assis Ferreira (técnico administrativo), professor José Antonio Peres Gediel (coordenador da parte de Direito, dentro da cooperativa), professora Denise Maia (coordenadora da parte de projetos), professora Sandra (colaboradora do departamento de psicologia da UFPR), professores José Antonio do Carmo e Adhemar Krueger (colaboradores do setor de Ciências Sociais Aplicadas), André Passos (advogado e colaborador) e estagiários (Eduardo Raider, Ciane e Simone Aparecida Linovioski).

A reunião foi realizada nas dependências da ITCP, no prédio central da UFPR, na Praça Santos Andrade, no dia 8 de fevereiro de 2000 às 16:00 horas.

Nessa reunião foram abordados os seguintes itens:

- Início do treinamento/qualificação dos membros da cooperativa da CIC;
- Listagem dos assuntos que seriam tratados à noite junto aos membros da cooperativa CIC, tais como: divisão das atividades entre os membros, linhas de financiamento, treinamento e qualificação no HC;
- Levantada a questão de possível descontentamento quanto à restrição de idade e escolaridade mínima para treinamento e qualificação (item abordado pela professora Sandra e a socióloga Eliana);
- Levantada a hipótese de trabalho de alfabetização para os membros das cooperativas, não somente a da CIC, mas sim de todas (abordado pela professora Denise);
- Professor Carmo argumentou que existe por parte do estado e do município um programa eficiente de escolarização e que deveria-se

orientá-los quanto a procurar esse tipo de serviço. Argumentou que o papel da universidade é de orientação e não de apadrinhamento; deve-se estimulá-los a encontrar coisas que beneficiem suas vidas;

- Ficou estabelecido que os membros que fossem à reunião na comunidade CIC, no período noturno daquele mesmo dia, esclareceriam que o fato da restrição quanto à idade e à escolaridade era imposta pelo pessoal do HC. A alegação da imposição era quanto a esforços grandes, como por exemplo: subir escadas, estar em locais altos, carregar pesos (questão da idade) e quanto à escolaridade é porque os “alunos” devem saber ler os rótulos dos produtos e cartilhas orientativas durante o treinamento.

COMENTÁRIO: Percebe-se que entre os próprios membros da ITCP há uma discordância entre os procedimentos adotados para com os membros das cooperativas.

Alguns professores e colaboradores entendem o processo de incubagem como algo muito profissional, em contrapartida, alguns adotam uma postura mais paternalista e protecionista utilizando-se de termos: "Eles já são membros marginalizados da sociedade..."; “ ... não podemos excluí-los ainda mais não deixando-os fazer a qualificação no HC”; “... não sei como vamos dizer para eles que não poderão fazer o treinamento; eu não vou à reunião hoje”.

ANEXO 8

Observação não participante realizada em reunião com a equipe da ITCP - Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da UFPR – Universidade Federal do Paraná.

Membros presentes na reunião: Marlene Popp (coordenadora), Eliana Salcedo (socióloga), Raimundo de Assis Ferreira (técnico administrativo), professora Denise Maia (coordenadora da parte de projetos), professora Sandra (colaboradora do departamento de psicologia da UFPR), professores José Antonio do Carmo e Adhemar Krueger (colaboradores do setor de Ciências Sociais Aplicadas), e estagiárias (Ciane e Simone Aparecida Linovioski).

A reunião foi realizada nas dependências da ITCP, no prédio central da UFPR, na Praça Santos Andrade, no dia 10 de fevereiro de 2000 às 08:00 horas.

- Nessa reunião houveram muitos conflitos de idéias porque foi um “*feed-back*” da visita realizada em 08/02/2000 à comunidade CIC. Foram discutidos posturas de protecionismo aos cooperados e que isso, futuramente, faria muito mal a eles, muito mais mal do que lhes falar sobre a realidade e aos obstáculos que enfrentariam por falta de capacitação mínima (ler e escrever).

COMENTÁRIO: Mais uma vez percebeu-se que dentro da própria ITCP há conflito de idéias e que membros querem se sobrepôr a outros (minha percepção de pesquisadora).

ANEXO 9

Observação não participante realizada em reunião com a equipe da ITCP - Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da UFPR – Universidade Federal do Paraná.

Membros presentes na reunião: Marlene Popp (coordenadora), Raimundo de Assis Ferreira (técnico administrativo), professora Denise Maia (coordenadora da parte de projetos), Professor José Antonio Peres Gediél (coordenador dos projetos de Direito).

A reunião foi realizada nas dependências da ITCP, no prédio central da UFPR, na Praça Santos Andrade, no dia 11 de fevereiro de 2000 às 08:00 horas.

Nesta reunião não foram abordados assuntos específicos de nenhuma cooperativa. Somente houve uma breve discussão sobre os rumos e posicionamentos futuros da ITCP. Percebeu-se divergências com relação à condução de posturas com os membros das cooperativas; alguns com posturas mais protecionistas e outros com posturas mais voltadas a uma gestão mais estruturada e menos paternalista.

ANEXO 10

Observação não participante realizada em reunião com a equipe da ITCP - Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da UFPR – Universidade Federal do Paraná.

Membros presentes na reunião: Marlene Popp (coordenadora), Raimundo de Assis Ferreira (técnico administrativo), professora Denise Maia (coordenadora da parte de projetos), professora Sandra (Departamento de Psicologia), Eliana Salcedo (socióloga) e Simone Aparecida Linovioski (estagiária de Psicologia).

A reunião foi realizada nas dependências da ITCP, no prédio central da UFPR, na Praça Santos Andrade, no dia 24 de fevereiro de 2000 às 08:00 horas.

Nesta reunião os principais pontos abordados foram:

- Os conflitos na comunidade CIC tem sido mais constantes; motivados pela insatisfação com as posturas do Sr. Joel que é o presidente. O atual presidente apresenta uma postura centralizadora e os membros não concordam com isso; eles não entendem como em uma cooperativa não há uma melhor participação das informações. (Comentários de Eliana e Sandra);
- Os cooperados estão insatisfeitos por não terem trabalho; eles esperavam que o papel da UFPR seria de “agenciadora” de empregos. Para os membros da cooperativa não há um entendimento de que eles é que terão que formar seu negócio com o auxílio de incubagem, e, isso não tem sido repassado a eles. (Comentário da professora Sandra);
- Ficou estabelecido que a comunicação seria melhor estruturada principalmente no que diz respeito à transmissão aos cooperados;
- Repassado aos cooperados o papel real da UFPR enquanto fornecedora de um processo de incubagem;
- Implantação de um trabalho mais lúdico com os cooperados, influenciando-os a ter um relacionamento mais amistoso no que tange

ao trabalho; uma melhor reflexão e entendimento sobre o coletivo e sobre cooperativismo.

ANEXO 11

Observação não participante realizada em reunião com a equipe da ITCP - Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da UFPR – Universidade Federal do Paraná.

Membros presentes na reunião: Marlene Popp (coordenadora), Raimundo de Assis ferreira (técnico administrativo), professora Denise Maia (coordenadora da parte de projetos), Eliana Salcedo (socióloga).

A reunião foi realizada nas dependências da ITCP, no prédio central da UFPR, na Praça Santos Andrade, no dia 28 de fevereiro de 2000 às 10:00 horas.

Nesta reunião foram abordados os pontos de “*feed-back*” da reunião do dia 24 de fevereiro de 2000 que abordou assuntos da cooperativa CIC.

- As questões de conflitos foram amenizadas. Foram trabalhados com os cooperados os itens: responsabilidade e trabalho em grupo;
- Os cooperados mostraram-se interessados em aprender mais sobre cooperativismo e trabalho em equipe;
- Decidido que serão inseridos nos treinamentos estímulos para que os indivíduos qualifiquem-se mais e procurem escolarizar-se.

ANEXO 12

Observação não participante realizada em reunião com a equipe da ITCP - Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da UFPR – Universidade Federal do Paraná.

Membros presentes na reunião: Marlene Popp (coordenadora), professora Denise Maia (coordenadora da parte de projetos), Eliana Salcedo (socióloga), Raimundo de Assis Ferreira (técnico administrativo), professores José Antonio do Carmo e Adhemar Krueger (Sociais Aplicadas), professor Gediel (Direito), André Passos (advogado e colaborador) e professora Sandra (Departamento de Psicologia).

A reunião foi realizada nas dependências da ITCP, no prédio central da UFPR, na Praça Santos Andrade, no dia 24 de março de 2000 às 09:00 horas.

- Nesta reunião foram discutidas as diretrizes da ITCP para o exercício de 2000. Os professores e colaboradores presentes expuseram suas necessidades e anseios com relação às suas atividades;
- A questão financeira foi amplamente discutida pois não há como acontecer um desenvolvimento, interno e externo, satisfatório sem recursos. Há uma necessidade urgente de se encontrar formas de financiamento para uma melhor estruturação da ITCP com relação à máquinas, equipamentos e qualificação de pessoal;
- A busca de formas de financiamento para as cooperativas incubadas também será um dos pontos principais para a manutenção do programa de incubagem;
- As cooperativas com melhor estruturação serão priorizadas quanto à destinação dos recursos que futuramente serão mobilizados.
- As cooperativas que estão com melhor estruturação são as de Antonina e em Curitiba: CIC, vigilantes e telefônicos.

ANEXO 13

Observação não participante realizada em reunião com a equipe da ITCP - Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da UFPR – Universidade Federal do Paraná.

Membros presentes na reunião: Marlene Popp (coordenadora), professora Denise Maia, professor Antonio Bittencourt.

A reunião foi realizada nas dependências da ITCP, no prédio central da UFPR, na Praça Santos Andrade, no dia 11 de abril de 2000 às 18:00 horas.

Nesta reunião foram abordados os seguintes assuntos:

- Treinamento sobre controle de estoque para os cooperados da CIC;
- Busca de financiamento (recursos) junto ao FAT – Fundo de Amparo ao Trabalhador;
- Viagens dos membros da ITCP à COPPE, no Rio de Janeiro, para conhecerem o processo de incubagem utilizado pela instituição.

ANEXO 14

Observação não participante realizada em reunião com a equipe da ITCP - Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da UFPR – Universidade Federal do Paraná.

Membros presentes na reunião: Marlene Popp (coordenadora), Eliana Salcedo (socióloga), Ciane (estagiária Biologia), professores José Antonio do Carmo e Adhemar Krueger (Sociais Aplicadas) e professora Denise Maia.

A reunião foi realizada nas dependências da ITCP, no prédio central da UFPR, na Praça Santos Andrade, no dia 02 de maio de 2000 às 09:00 horas.

Nesta reunião foram abordados os seguintes assuntos:

- Verificação de potencial de pesca em Antonina (Biologia);
- Estatuto da cooperativa de Antonina (Direito);
- Educação Ambiental para cooperativa de Antonina e demais cooperativas (pessoal da Biologia).

ANEXO 15

Observação não participante realizada em reunião com a equipe da ITCP - Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da UFPR – Universidade Federal do Paraná.

Membros presentes na reunião: Marlene Popp (coordenadora), Mey Mezhtilde Serenato e Raimundo de Assis Ferreira (técnicos administrativos) e professor Antonio Bittencourt.

A reunião foi realizada nas dependências da ITCP, no prédio central da UFPR, na Praça Santos Andrade, no dia 02 de agosto de 2000 às 18:00 horas.

Nesta reunião foram abordados os seguintes assuntos:

- Visitas programadas às cooperativas;
- Ausência de verbas para atividades internas e externas;
- Estruturação interna da ITCP.

ANEXO 16

Observação não participante realizada em reunião com a equipe da ITCP - Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da UFPR – Universidade Federal do Paraná.

Membros presentes na reunião: Marlene Popp (coordenadora), Raimundo de Assis Ferreira (técnico administrativo) e professores José Antonio do Carmo e Denise Maia.

A reunião foi realizada nas dependências da ITCP, no prédio central da UFPR, na Praça Santos Andrade, no dia 04 de setembro de 2000 às 18:00 horas.

Nesta reunião foi abordado um único assunto: regularização das cooperativas que estão mais adiantadas com relação ao processo de incubagem.

ANEXO 17

Visita feita à Comunidade CIC no dia 1º de fevereiro de 2000 às 19:15 horas. Membros da ITCP presentes: professora Denise Maia e Raimundo de Assis Ferreira (técnico administrativo).

Aspectos observados:

- O grupo está insatisfeito porque não conseguem nenhuma colocação no mercado formal de trabalho;
- O Sr. Joel, que é atualmente o presidente da cooperativa, gera muita insatisfação entre os cooperados pois mantém uma postura muito centralizadora;
- Não aceitam o objeto da cooperativa (limpeza hospitalar), desejam muitas coisas diferentes ao mesmo tempo (limpeza, vigilância, artesanatos em geral, entre outros), apresentam uma falta de foco.

Fragmentos de diálogos dos cooperados, registrados através de observação não participante:

- “... eu pensei que o pessoal da universidade ia achar trabalho prá gente...”
- “... o “seu” Joel não passa informação; quer tudo só prá ele...”
- “... tô desempregada a muito tempo, não consigo sustentar meus filhos...”
- “Será que esse negócio de cooperativa vai dar certo mesmo?”

ANEXO 18

Visita feita à Comunidade CIC no dia 8 de fevereiro de 2000 às 19:30 horas. Membros da ITCP presentes: Raimundo de Assis Ferreira (técnico administrativo), professor Antonio Bittencourt, estagiária Simone Aparecida (Psicologia), estagiários Fábio Amaral e Maurício Ouyama (História).

Pauta da reunião e informações repassadas aos cooperados:

- Informes gerais de eventos e resultados de negociações;
- Informe sobre treinamento e qualificação (restrição de idade e escolaridade para efetuar o treinamento).

Aspectos observados:

- Insatisfação e indignação por parte dos cooperados; sentiram-se excluídos e marginalizados;
- Alguns se retiraram do ambiente e alegaram que não queriam mais fazer parte da cooperativa.

Fragmentos de diálogos registrados:

- “... o pessoal disse no curso (de cooperativismo) que qualquer um de 18 a 80 anos poderia estar na cooperativa. Por que isso agora?” (referindo-se às restrições);
- “... a gente vai ter que voltar prá escola, senão não vai ter trabalho...”
- “Essas restrições não são nossas, mas sim do pessoal do HC, que vai ministrar o curso.” (membro da ITCP);
- “Eu mal sei escrever meu nome, e aí:?”

ANEXO 19

Visita feita à Comunidade CIC no dia 15 de fevereiro de 2000 às 19:00 horas. Membros da ITCP presentes: Raimundo de Assis Ferreira (técnico administrativo), estagiária Simone Aparecida Linovioski (Psicologia), professor José Antonio Peres Gediel (Direito) e estagiário Eduardo Raider (Direito).

Assuntos abordados:

- Formulação do estatuto da cooperativa;
- Estruturação da administração da cooperativa;
- Formulação de contratos de trabalho;
- Elaboração de *folders* para divulgação da cooperativa (verificar possibilidade de elaboração junto ao departamento do curso de Publicidade e Propaganda);
- A partir do mês de março de 2000 será ministrado curso para atendente de portaria (para ambos os sexos) com recursos oriundos do FAT – Fundo de Amparo ao Trabalhador.

Aspectos observados:

- Uma melhor integração do grupo;
- Quando os membros da ITCP apresentam resultados mais concretos há uma satisfação e mobilização maior do grupo;
- Os membros da cooperativa esperam em demasia da ITCP, querem que exista uma postura paternalista e protecionista;
- Quando os membros da cooperativa recebem algum tipo de treinamento e/ou qualificação há uma injeção de ânimo; no contrário há total apatia.

Fragmentos de diálogos:

- “... até que enfim alguma novidade...”
- “Será que com esse curso de porteiro eu vou conseguir emprego logo?”
- “... que bom que lembraram da gente e vão “dar” esse curso...”
- “Até que enfim o negócio tá andando.”

ANEXO 20

Visita feita à Comunidade CIC no dia 22 de fevereiro de 2000 às 19:00 horas. Membros da ITCP presentes: Raimundo de Assis Ferreira (técnico administrativo), estagiária Simone Aparecida Linovioski (Psicologia) e estagiários Maurício Ouyama e Fábio Amaral (curso de História).

Foi iniciado um curso de treinamento sobre estrutura administrativa da cooperativa abordando com ênfase a questão da responsabilidade.

Foram observados os seguintes aspectos:

- Grupo mais coeso e com maior responsabilidade uns com os outros;
- Naturalmente estão surgindo novas lideranças;
- Muitos comentaram que foram procurar escola para complementar ou realizar estudos;
- Grupo aceitando entendendo melhor a força do trabalho em grupo.

Fragmentos de diálogos registrados durante a reunião:

- “... fui no CES – Centro de Estudos Supletivos ver como faço prá estudar...”
- “Acho que a gente vai ganhar um bom dinheiro.”
- “ O “seu” Joel” não tem vindo na reunião; ele é o presidente (da cooperativa) e assim não dá. A gente vai ter que escolher outro” (surgindo um outro tipo de liderança)

ANEXO 21

Visita feita à Comunidade CIC no dia 02 de março de 2000 às 19:00 horas.
Membro da ITCP presente: estagiária Simone Aparecida Linovioski (Psicologia).

Reunião destinada à atividades de descontração, dinâmicas e brincadeiras.

Reação:

- Os cooperados ficaram muito descontraídos, dialogaram bastante e sentiram-se bem incorporados ao grupo.

Percepção:

- O grupo tem potencial para auto estruturação;
- Conversam assuntos diversos sobre o cotidiano tais como aproveitamento de resíduos, qualidade de vida, escolarização, entre outros.

ANEXO 22

Visita feita à Comunidade CIC no dia 06 de abril de 2000 às 19:00 horas. Membros da ITCP presentes: estagiária Simone Aparecida Linovioski (Psicologia), professor Antonio Bittencourt e Raimundo de Assis Ferreira (técnico administrativo).

Reunião destinada a treinamento administrativo.

Percepção:

- Muitos assuntos não podem ser plenamente discutidos por causa da baixa escolaridade dos membros da cooperativa.

Fragments de diálogos:

- “Não consigo entender o que eles estão falando.”
- “Na hora de fazer o contrato tem que ir todo mundo?”

ANEXO 23

Visita feita à Comunidade CIC no dia 13 de abril de 2000 às 19:30 horas.
Membros da ITCP presentes: professor Antonio Bittencourt e Raimundo de Assis Ferreira (técnico administrativo), estagiário Eduardo Raider (Direito).

Reunião destinada a treinamento administrativo.

Percepção:

- Conflitos internos;
- Grande número de faltantes nos cursos (baixo nível de interesse).

ANEXO 24

Visita realizada à Comunidade de Antonina no dia 28 de fevereiro de 2000 às 14:00 horas. Membros da ITCP presentes: professora Marlene Popp (coordenadora da ITCP), Raimundo de Assis Ferreira (técnico administrativo) e Ciane (estagiária do Curso de Biologia).

Atividades realizadas nesta visita:

- Visita às casas dos pescadores;
- Início de atividades de Educação Ambiental;
- Visitas aos locais de pesca.

ANEXO 25

Visita realizada à Comunidade de Antonina no dia 4 de abril de 2000 às 14:00 horas. Membros da ITCP presentes: professor Antonio Bittencourt (administrador e colaborador), Raimundo de Assis Ferreira (técnico administrativo) e Ciane (estagiária do Curso de Biologia).

Nessa reunião foram abordados os seguintes assuntos;

- Curso sobre cooperativismo;
- Educação Ambiental;
- Técnicas adequadas de pesca;
- Técnicas adequadas para manejo e conservação de mariscos e pescados;
- Higiene pessoal e profissional.